PSICO VIDEO

CINEMA, VIDEO E PSICOSES AFINS!

SAMPA 10 ANOS

1895 1990
UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DO HORROR NO CINEMA

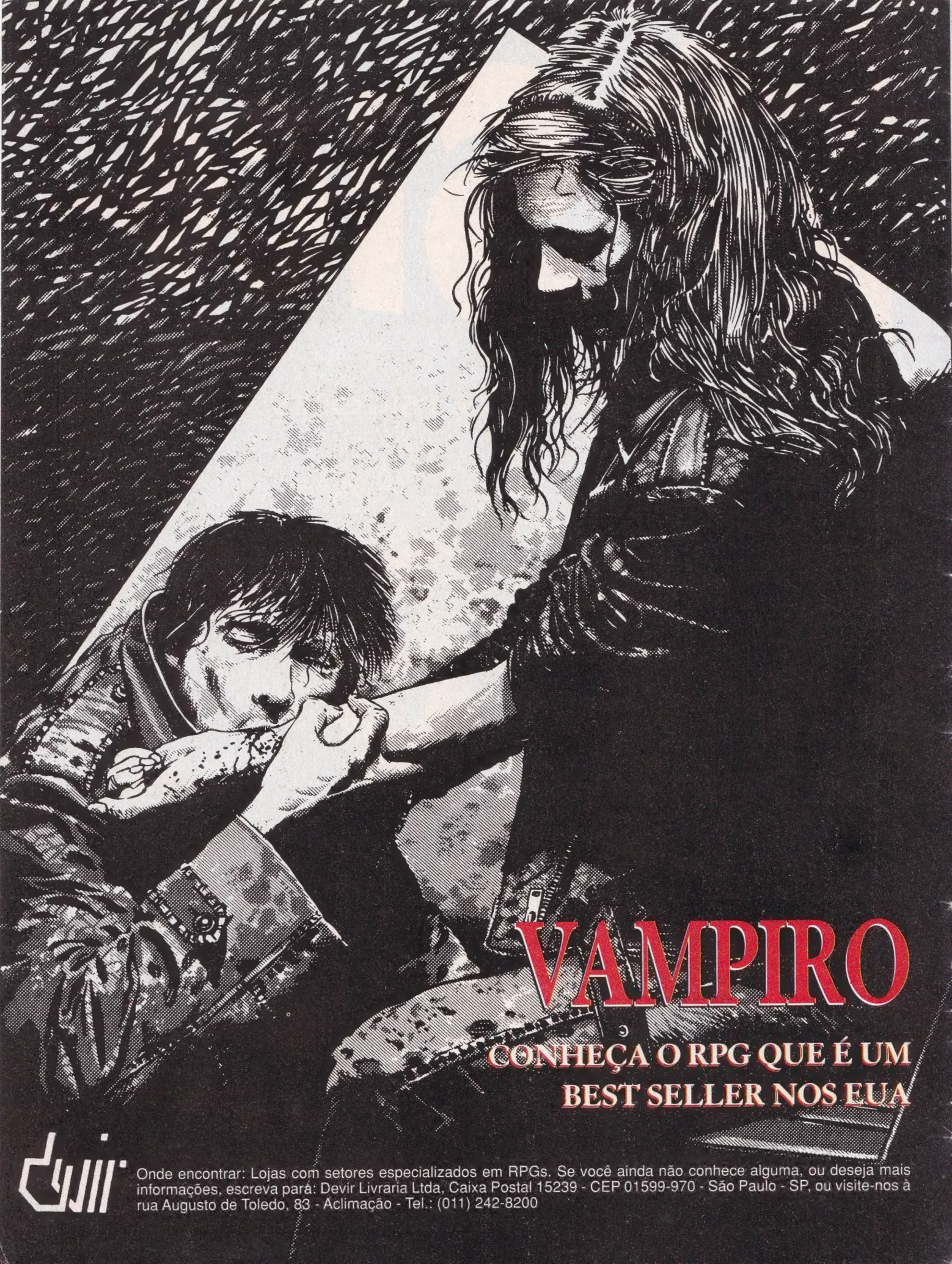
ED WOOD
O REI DO TRASH

Mary Shelley's Frankenstein

GEORGE ROMERO
O PAI DOS MORTOS-VIVOS

PC GAMES
TRILHAS SONORAS
VIDEO
CLÁSSICOS, NOVIDADES E RARIDADES

POSTERS
A VOLTA DOS MORTOS-VIVOS 3
NOITE ALUCINANTE 3



Onde encontrar: Lojas com setores especializados em RPGs. Se você ainda não conhece alguma, ou deseja mais informações, escreva para: Devir Livraria Ltda, Caixa Postal 15239 - CEP 01599-970 - São Paulo - SP, ou visite-nos à rua Augusto de Toledo, 83 - Aclimação - Tel.: (011) 242-8200

E o corvo disse, outra vez...

Depois de longos anos condenado às masmorras do esquecimento, o cinema de horror parece ter feito as pazes com a mídia (ou seria o contrário?), e volta a se destacar, graças aos filmes, "Wolf", "Entrevista com um Vampiro" e "Mary Shelley's Frankenstein"; à querida visita do Mestre Corman, e principalmente, às distribuidoras de video, que se lembraram desse público fiel, e lançaram algumas preciosidades há muito tempo aguardadas por nossa torturante fome de cinema. E finalmente podemos ver e incluir em nossa videoteca, filmes como "Rebecca", "Spellbound", "A Noite dos Mortos-Vivos", "Taxi Driver" e "Um Lobisomem Americano em Londres".

Esperamos poder comentar outras preciosidades (ainda hoje em falta), em edições futuras, para a satisfação dessas pobres almas órfãs, condenadas a vagarem eternamente à espera de gotejantes clássicos e carne nova nas revendas e locadoras.

PsicoVideo pretendeu trazer um pouco de informação e diversão para apaziguar os lamentosos suspiros de seus coraçõezinhos aflitos.

Índice

Horror em Obras Cronologia.....**6**
Frankenstein.....**14**
George Romero.....**16**
Ed Wood.....**20**
Bernard Herrmann.....**30**
Trilhas Sonoras.....**34**
PC Games.....**36**
Video.....**38**
Clássico Psicose.....**44**

GOTAS

SEM LIMITES

O incansável diretor italiano Dario Argento volta com um novo *thriller*, novamente baseado em desequilíbrios da mente humana (inclusive a dele). O filme é "Stendhal Syndrome", onde Bridget Fonda faz a personagem que sofre do mal do título: uma raríssima doença que leva o portador a ter alucinações e disturbios emocionais, depois de se entregar a intensa apreciação de uma obra de arte! A peça que provoca o desequilíbrio da garota é um quadro de Hyeronimus Bosch. Uma grande escolha de Argento, que trouxe o universo surrealista do pintor alemão às telas, através da computação gráfica. Segundo o diretor, "a computação fará com que sonhos e pesadelos sejam trazidos aos filmes sem inibições. Nossa imaginação, agora, não tem mais restrições ou limites". O último limite parece ser a mentalidade dos distribuidores e censores, que insistem em lhe causar problemas, como aconteceu em "Trauma", seu trabalho anterior, já lançado aqui em video,veja página 30.

Il Maestro em ação

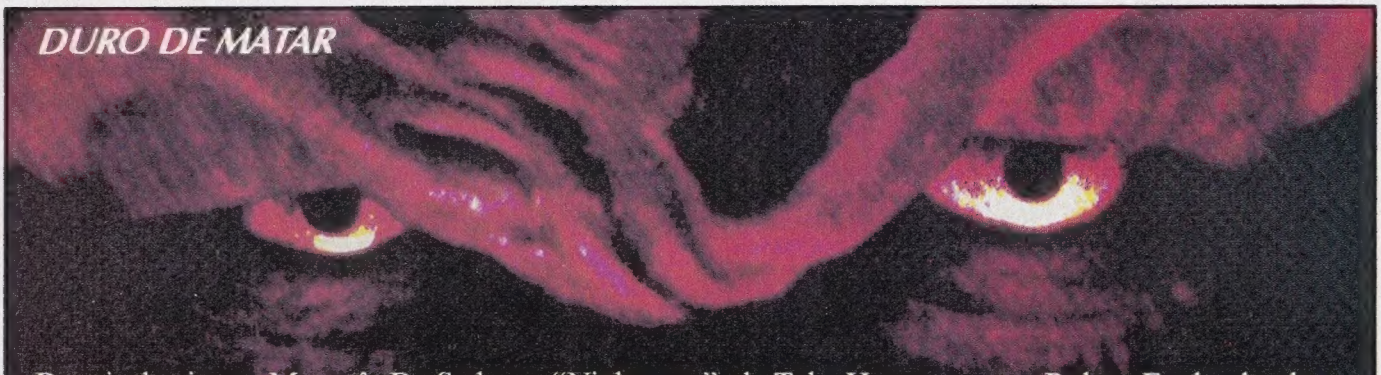
MÚMIAS

Com a volta dos vampiros em "Drácula" e "Entrevista com um Vampiro", do lobisomem em "Wolf" e do "Frankenstein", com Robert De Niro, só estava faltando a múmia para completar o ciclo de homenagens aos monstros clássicos dos filmes de horror. "Estava", por que já foram anunciadas, nada menos do que, três produções dedicadas à avó dos mortos-vivos. E por falar em mortos-vivos, a refilmagem preparada pelos estúdios da Universal, deverá ser dirigida pelo veterano George Romero. A Paramount aproveita o monstro para uma aventura de ação, dirigida por Anthony Hickox (de "Waxwork" 1 e 2). E o terceiro filme será baseado no livro ***The Mummy*** *de Anne Rice, onde o "monstro", numa variação inédita, não é um cadáver envelhecido e coberto de bandagens e sim um imortal de bela aparência.*

ODISSÉIA GRÁFICA

O sumido Stanley Kubrick anuncia sua volta (sempre saudada como um acontecimento cinematográfico), com a aventura aquática chamada "**A.I.**", seu novo épico de ficção científica. Conta-se que Kubrick ficou de queixo caído, ao ver os efeitos de computação gráfica de "Jurassic Park" e se entusiasmou com as possibilidades proporcionadas pela tecnologia moderna na área de criação visual. O entusiasmo agora é nosso.

DURO DE MATAR



Depois de viver o Marquês De Sade em "Nightmare", de Tobe Hooper, o ator Robert Englund volta a pele do matador Freddy Krueger (!?) em "**New Nightmare**". Mesmo depois da divulgada morte do personagem, o diretor Wesley Craven, criador da série, apareceu com um roteiro que, como conta Englund: "*foi baseado na idéia de que, o único lugar em que Freddy poderia se manifestar novamente, seria na mente e na imaginação de seus criadores e pessoas envolvidas na produção dos filmes da série*". Dessa forma, Englund, a atriz Heather Langenkamp (a Nancy de "Pesadelo 1"), e até o diretor Craven, atuam, não como personagens, mas como eles próprios. Uma idéia tão maluca que, até pode ter um bom resultado.

CARPENTER

Entre as paredes de uma velha mansão vitoriana oculta-se uma misteriosa passagem, uma conecção com outra dimensão, e é através dela que um escritor de livros de horror, irá tomar contato com o mundo criado pelo seu próprio poder de imaginação! Quem conhece o fascinante trabalho do escritor H.P. Lovecraft, já adivinhou de onde veio a inspiração para "**In the Mouth of Madness**", o aguardado novo filme de John Carpenter, depois de "Body Bags" feito para a TV a cabo. É sempre bom lembrar que o universo de Lovecraft nunca foi satisfatóriamente transposto para as telas. Sempre se perdem o mistério e fascínio, essênciais em sua obra, em troca de espetáculos pirotécnicos. Mas de Carpenter, podemos esperar qualquer coisa.

Detalhe do cartaz

MAIS CARPENTER

Mais trabalho para John Carpenter. O produtivo diretor prepara, para a Universal, uma refilmagem do clássico "Village of the Damned" (60), e ainda considera seriamente a possibilidade de dirigir as sequências para dois de seus antigos sucessos: "Escape From L.A.", uma evidente variação de "Fuga de Nova York" e a segunda parte de "The Thing" (*Enigma do Outro Mundo*), um de seus melhores filmes, projeto no qual ele se diz muito interessado em participar.

HORROR em obras

PARTE 1

Do início do século aos dias de hoje, uma pequena escavação em busca de clássicos e estilos.

"Un Chien Andalouz" de Luiz Buñuel (à esquerda). Foto grande: "Noite Alucinante 3".

No longinquo ano de 1895, os irmãos Lumière exibiam ao público sua invenção, projetando curtas-metragens documentais em sessões descompromissadas. O cinema ainda era uma simples curiosidade e durante a projeção de "A Chegada do Trem a Estação", os espectadores fugiram da sala assustados com a imagem

do trem que, visto de frente e vindo na direção da tela, parecia poder invadir e destruir o recinto. Como autêntica monstruosidade, o cinema já nasceu aterrorizando platéias.

O choque inicial dessas exibições, incluiu o audacioso curta "O Beijo de May Irvin e John Rice" (aquele cavalheiro bigodudo e sua senhora em uma beijação infinita), que escandalizou as platéias em 1896. Sua incômoda repercussão provocou a criação de uma "necessária" censura.

Entre os espectadores que presenciaram essas sessões, estava o ilusionista George Méliès que viu na "Nova Maravilha", um terreno fértil para exercitar seus truques e idéias. Seus filmes transformaram a "curiosidade", desenvolvida pelos irmãos Lumière, em uma nova forma de expressão. Em sete anos de atividade, Méliès realizou, entre outros: "Sessão de Prestidigitação" (1896), "Viagem à Lua" (1902), "Viagem Através do Impossível" (1904) e "Conquista do Pólo" (1912), que contavam histórias completas e levavam o espectador a mundos fantásticos. Criava-se assim o espetáculo cinematográfico.

E foi sobre esses três pontos - susto, escândalo e magia - que o cinema plantou suas bases e desenvolveu sua história. Coincidentemente, foi no cinema de horror que esses três elementos tiveram maior expressão e repercussão.

A origem do horror no cinema está ligada ao expressionismo alemão, movimento extremamente visual com suas arrojadas formas e ambientação fantástica, como só a arte cinematográfica poderia produzir. Vindo das artes gráficas, o expressionismo deu seus primeiros passos no cinema com "O Golem" de 1914, e se estabeleceu definitivamente em 1919, com "O Gabinete do Dr. Caligari", que cristalizou as regras para o gênero. "Caligari" também é considerado o primeiro filme de horror da história.

Em 1919 também estreava o diretor Fritz Lang com "Half Mensch" (*Meio-Sangue*). Lang foi o grande nome do gênero com os monumentais "Os Nibelungos" (23/24), "Metrópolis" (26) e "M, o Vampiro de Dusseldorf" (31) que, apesar de refletir o medo e a instabilidade que a Alemanha vivia no período, serve como retrato para qualquer época.

Ainda no expressionismo merecem destaque, a refilmagem de "O Golem", feita em 1920 pelo mesmo diretor da primeira versão, Paul Wegener, "Nosferatu" (22) de Willhem Murnau, que quebrou a tradição estilizada e usou externas e cenários realistas; e "O Gabinete das Figuras de Cera" (24) de Paul Leni.

O cinema americano dava os primeiros passos no horror com as adaptações de "Dr. Jeckill & Mr. Hyde" (20); "The Hunckback of Notre Dame" (26) com Lon Chaney, apelidado "O Homem das Mil Faces"; "London After Midnight" (27) de Tod Browning, também com Lon Chaney; "Murders in the Rue Morgue" (32); e "Old Dark House" (32), o primeiro filme com casarões assombrados.

Paralelo ao expressionismo, vale ser citado o movimento surrealista, inaugurado nas artes em meados dos anos 20, e que teve no espanhol Luis Buñuel seu principal (senão o único) diretor no cinema. "Un Chien Andalou" (28), aquele da navalha cortando o olho, e "L'Age D'Or" (30) são seus principais trabalhos no período. Esses dois filmes contaram com a valiosa colaboração/parceria do pintor Salvador Dali, outro grande mestre do surrealismo. Dali participou, mais tarde, da criação de imagens para uma sequência de sonho, usada no filme "Spellbound" de 1945.

Duas cenas de "Dr. Caligari".

Abaixo, Max Schreck em "Nosferatu".

Acima:
Tod Browning (centro) acompanhado de parte do elenco de "Freaks".

À direita:
Bela Lugosi, o primeiro "Drácula".

UNIVERSAL -Com as dificuldades econômicas e políticas que a Alemanha atravessava nas décadas de 20 e 30, muitos diretores e técnicos mudaram-se para a América, atraídos por sua indústria cinematográfica em convidativo crescimento. Assim, muito da linguagem e efeitos do expressionismo foram incorporadas ao cinema americano, como se viu na série de policiais *noir* dos anos 30/40, além, é claro, dos filmes de horror.

O estúdio mais citado dos anos 30 é a Universal, pela grande quantidade de filmes de horror ali produzidos. Esses filmes, com uma fascinante ambientação sombria, gótica, alcançaram um grande sucesso e estabeleceram as bases para o gênero no cinema. Hoje, todos são lembrados como clássicos. Entre eles: "The Phantom of the Opera" (25) com Lon Chaney; "The Cat and the Canary" (27) de Paul Leni; "Frankenstein" (31) de James Whale, com Boris Karloff; "Dracula" (31) de Tod Browning, com Bela Lugosi; e ainda "The Mummy" (32) e "The Invisible Man" (33). Com o sucesso vieram as inevitáveis sequências e variações: "The Bride of Frankenstein" (35), "Dracula's Daughter" (36) e "Son of Frankenstein" (39).

Mas os outros estúdios não ficaram atrás. Da mesma safra valem ser lembrados: "Island of the Lost Souls" (32), a primeira adaptação de "A Ilha do Dr. Moreau" de H.G. Wells, feita para a Paramount; "White Zombie" (32) da United Artists; "Mistery of the Wax Museum" (33) feito para a Warner por Michael Curtiz, o futuro diretor de "Casablanca"; "King Kong" (33) da RKO, um dos maiores clássicos do cinema fantástico; e ainda, "Mark of the Vampire" (35), "Devil Dolls" (36) e o lendário "Freaks" (32), dirigidos por Tod Browning para a Metro. Em "Freaks", Browning exagerou na dose utilizando pessoas realmente deformadas nas filmagens. O resultado foi a forte rejeição do público ao filme, o que abalou profundamente a carreira do diretor. "Freaks" é considerado, além de um clássico, um dos mais assustadores filmes já realizados.

Foto pequena: Lon Chaney em "The Phantom of Opera".
Ao lado: Boris Karlof em "Frankenstein".

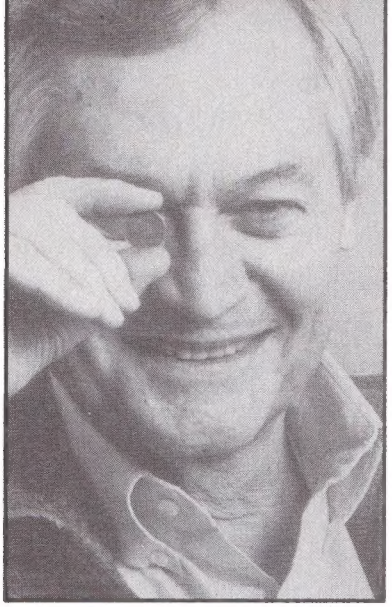
Dois momentos do filme "Na Solidão da Noite". Acima: "The Haunted Mirror". À direita, seu epílogo.

A década de 40, foi a menos produtiva para o cinema fantástico (o grande horror do momento era a Segunda Guerra). A Universal continuava produzindo sequências na sua linha de sucessos, como "Wolf Man" (41), "Son of Dracula" (43) e "House of Dracula" (45). O grande diretor inglês Alfred Hitchcock fazia sua estréia no cinema americano com "Rebecca" (40). Mas o maior nome dessa década foi Val Lewton e sua série de filmes produzidos para a RKO. Seus filmes foram marcados pela elegância, assustando mais pelo clima e sutilezas do que por apresentar monstruosidades. Lewton recebia, dos executivos da RKO, um título, um reduzido orçamento e um prazo a cumprir. A saída era economizar em efeitos e apelar para a sugestão. O resultado foi simplesmente uma série de clássicos que marcaram época. Entre eles: "Cat People" (*A Marca da Pantera*, 42); "I Walked With a Zombie" (*A Morta-Viva*, 43), ambos dirigidos por Jacques Tourner; "Curse of Cat People" (*A Maldição do Sangue da Pantera*, 44) dirigido por Robert Wise; e também "Isle of Death" (*Ilha dos Mortos*, 45) e "Bedlan" (*Asilo Sinistro*, 46), os dois dirigidos por Mark Robson.

Ainda na década de 40 merecem destaque, o já citado "Spellbound" (*Quando Fala o Coração*, 45) de Alfred Hitchcock; "The Picture of Dorian Gray" (45), dirigido por Albert Lewin para a Metro; "The Uninvited" (44), um conto de fantasmas feito por Lewis Allen para a Paramount; e "Dead of the Night" (*Na Solidão da Noite*, 45), da Universal, clássico com seis episódios, dos quais, os dois melhores ("Christhmas Story" e "The Ventriloquist Dummy") foram dirigidos pelo brasileiro Alberto Cavalcanti.

PIPOCAS & BEIJOS - Os anos 50 viram a explosão do mercado jovem, do Rock'n'Roll e das maravilhas eletrônicas, consumidas gulosamente pelos lares classe-média. A década foi marcada pela ficção-científica no cinema, com muita radiação, insetos gigantes e invasores do espaço. O avanço da tecnologia do pós-guerra e a corrida espacial atiçavam a imaginação dos produtores que, com os títulos mais malucos, atraíam a garotada aos cinemas e *drive-ins*. E entre beijos e pipocas eram vistos: "Magnetic Monster" (53), "Devils Girls from Mars" (54), "The Creature From the Black Lagoon" (54), "Night of the Bloody Beast" (58), "Fiend Without a Face" (58) e "Attack of the Giant Leechs" (59). Havia também, a linha descaradamente adolescente com: "I Was a Teenager Werewolf" (58), "I Was a Teenager Frankenstein" (58) e "Teenage Zombies" (58). E ainda o "clássico" "Plan 9 From Outer Space" (59), carinhosamente coroado como o

Dois grandes mestres do suspense: Henri-Georges Clouzot e Alfred Hitchcock.



Roger Corman e o centavo que ele nunca perdeu em Hollywood. À direita, Vincent Price em "Museu de Cera".

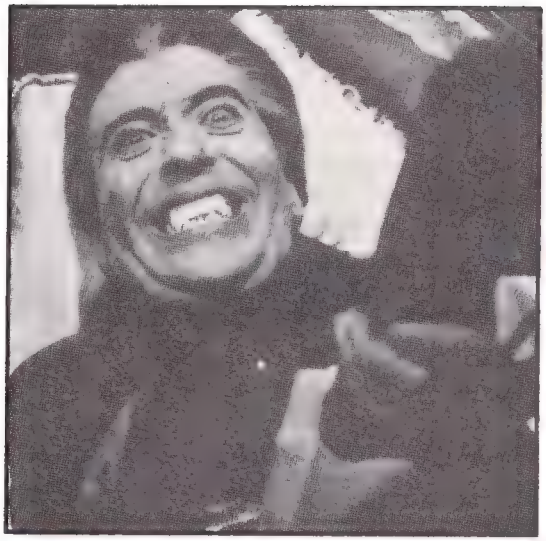
pior filme de todos os tempos. Impossível deixar de citar, "The Day the World Ended" (56), "Attack of the Crab Monstes" (57), ou "A Bucket of Blood" (59), entre muitos outros, do papa de toda essa divertida maluquice: Roger Corman, o nome de maior destaque dessa década.

Das produções que misturaram terror e ficção, como "Tarântula" (55), "The Fly" (*A Mosca da Cabeça Branca*, 58) ou "The Blob" (*A Bolha Assassina*, 58), a melhor foi, sem dúvida, "Invasion of the Body Snatchers" (*Vampiros de Almas*, 56), de Don Siegel, que apesar de refletir a paranóia política do período, resiste (como "M" de Fritz Lang) a outras leituras e épocas e continua forte até hoje.

Cartaz de "A Mosca da Cabeça Branca" (The Fly), à direita, cena de "Vampiros de Almas".

Seguindo a linha do horror gótico, destacaram-se: "House of Wax" (*Museu de Cera*, 53) dirigido por André De Toth. Um dos melhores filmes feitos em terceira dimensão e que consagrou o ator Vincent Price como um dos grandes astros do gênero. Marcantes também, foram os filmes do diretor/produtor William Castle: "Macabre" (58), "The House on Haunted Hill" (58) e "The Tingler" (59), sendo os dois últimos estrelados por Vincent Price. Dentro do espírito da época, Castle idealizou uma série de brincadeiras e truques, que ampliavam o espetáculo visto na tela. São idéias dele (algumas copiadas posteriormente), os esqueletos que balançavam sobre a platéia, as poltronas que davam pequenos choques elétricos nos espectadores, um intervalo para os mais sensíveis decidirem se iriam ou não, encarar o impressionante final, e o incrível seguro de $1000 dólares para quem realmente morresse de medo durante uma sessão!

Outros filmes marcantes do período foram "Les Diaboliques" (*As Diabólicas*, 55) de Henri-Georges Clouzot, "Curse of the Demon" (*A Maldição do Demônio*, 56) de Jacques Tourner e "Vertigo" (*Um Corpo Que Cai*, 58) de Hitchcock que, de certa forma, encerraram um ciclo de filmes elegantes e sugestivos, como os que Tourner havia feito para Val Lewton. A concorrência era grande, o público queria ver mais e já não havia espaço para sutilezas. Além disso a TV segurava os espectadores "adultos" em casa.



Acima:
Christopher Lee em "Dracula Has Risen from His Grave". À direita: "Horror of Dracula", no centro Peter Cushing em "The Curse of Krankenstein" e abaixo seu cartaz.

Nesse ponto, entra em cena a produtora britânica Hammer com o grande sucesso de "Curse of Frankenstein" (57) e "Horror of Dracula" (58), ambos estrelados, como em inúmeros filmes da produtora, por Christopher Lee e Peter Cushing. A grande sacada da Hammer foi ressuscitar os lendários monstros dos anos 30 e apresentá-los a uma nova geração, melhor produzidos, com maior dose de violência e em cores. O sucesso trouxe sequências e mais filmes, como: "The Revenge of Frankenstein" (58), "The Mummy" (59), "The Hound of Baskervilles" (59).

Contrastando com toda essa linha gótica, estreava em 59, "Peeping Tom" (*Mórbida Curiosidade*) de Michael Powell. Um filme que, como "Freaks", foi incompreendido e violentamente rejeitado pelo público, para mais tarde ser reconhecido como clássico. Contando a história de um fotógrafo que mata suas vítimas no momento de fotografá-las, captando assim o autêntico pavor de suas expressões, "Peeping Tom" dispensa todo o horror vindo de forças do mal ou de outros planetas e se baseia em perversões e fraquezas do próprio homem (talvez por isso tenha sido tão criticado) e anunciava o que estava por vir na década seguinte.

FURACÃO - Generosos em quantidade, qualidade e variedade, os anos 60 se subdividiram em várias linhas. Pelo menos três clássicos marcaram o início da década: "Village of the Damned" (*A Aldeia dos Amaldiçoados*, 60) de Wolf Rilla, "The Innocents" (*Os Inocentes*, 61) de Jack Clayton e "Psycho" (*Psicose*, 60) de Alfred Hitchcock. Este último, talvez o mais famoso e copiado filme de horror de todos os tempos. Seu sucesso foi tamanho, que superou críticas e protestos dos eternos guardiões do "bom-gosto". "*Psicose*" foi fundamental na transformação que o gênero sofria, substituindo as fantasias góticas e ameaças alienígenas, por uma ambientação mais insana e contemporânea (mais "Psicose" na pág. 44). Na mesma linha, destacaram-se

Ao lado, a sinistra construção gótica de "Psicose". Na foto menor, Catherine Deneuve em "Repulsion".

"The Collector" (*O Colecionador*, 65) de William Wyler e "Wath Ever Happened to Baby Jane?" (*O Que Terá Acontecido a Baby Jane?*, 62) de Robert Aldrich, um diretor mais lembrado por suas fábulas machonas (*Os Doze Condenados*, 67; *O Imperador do Norte*, 73), aqui realizando um de seus melhores trabalhos. Aldrich repetiria a dose em "Hush, Hush, Sweet Charlotte" (64), com Bette Davis novamente fazendo o tipo velha-doida de "*Baby Jane*".

Outro nome importante nc período foi o de Roman Polansky com o *psicológico* "Repulsion" (*Repulsa ao Sexo*, 65) e o *satânico* "Rosemary's Baby" (*O Bebê de Rosemary*, 68) produzido por William Castle. Em "Repulsion" todo o horror vinha da mente desequilibrada de uma jovem reprimida (Catherine Deneuve) e se mostrava muito mais assustador do que qualquer monstruosidade vista anteriormente.

Hitchcock realizou em 63 o apocalíptico "The Birds" (*Os Pássaros*), dando início a uma série de filmes onde os animais ameaçam a humanidade. Também merece menção o estranhíssimo, e poucas vezes lembrado, "Seconds" (*O Segundo Rosto*, 66) de John Frankenheimer, um pesadelo sem similares no cinema fantástico.

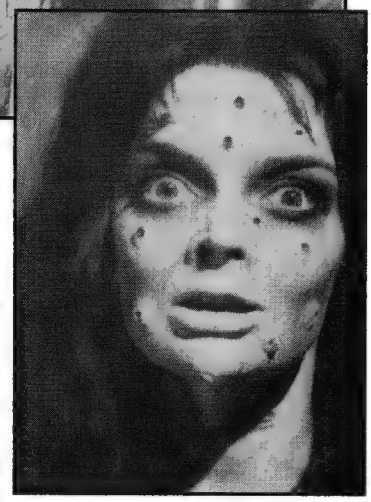
Os góticos continuavam em grande atividade com "The Evil of Frankenstein" (64) e "Dracula, Prince of Darkness" (66) da Hammer, e na onda

Acima, Tippi Hedren em "Os Pássaros". Ao lado, cena de "Blood Feast", de Herschel Gordon Lewis.

de filmes produzidos na Itália, onde se destacou Mario Bava com o clássico "Black Sunday" (*A Máscara do Demônio*, 60), estrelado pela inglesa Barbara Steele, que se tornou uma figura símbolo no gênero. Bava dirigiu também "The Evil Eye" (62), "Black Sabbath" (64) e "Diabolik" (67) entre outros. E seguindo seu sucesso vieram, Luciano Ricci com "Castle of Living Dead" (64); Ricardo Freda com "The Ghost" (63); e Antonio Margheriti com "Castle of Terror" (64). Os dois últimos também foram estrelados por Barbara Steele.

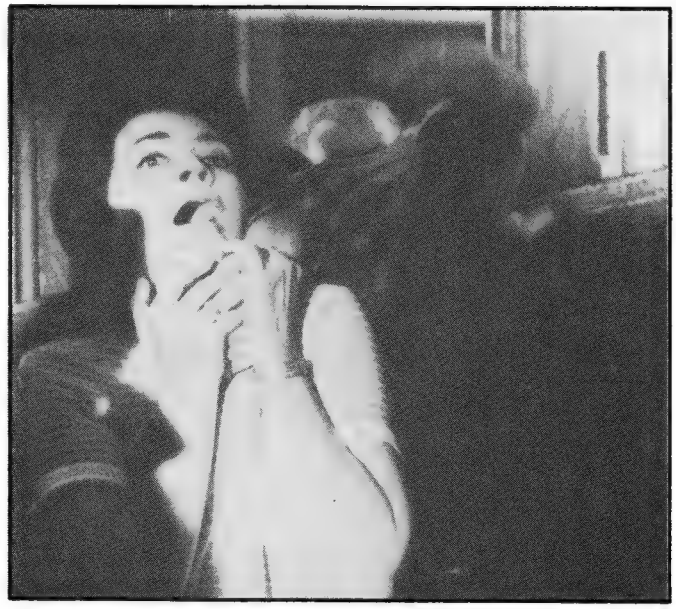
Paralelo às produções italianas, Roger Corman dirigia e produzia sua famosa série de adaptações de contos de Edgar Allan Poe, entre eles: "The House of Usher" (60) com Vincent Price; "The Pit and the Pendulun" (61) com Price e, novamente, Barbara Steele; "The Tomb of Ligea" (64); "Masque of the Red Death" (64) e "The Haunted Palace" (63), sendo este último baseado em outro grande escritor do gênero: H.P.Lovecraft. Ainda sobre Poe vale ser citado "Spirits of the Dead" (68), com três episódios baseados em seus contos, e dirigidos por Louis Malle, Roger Vadim e Federico Fellini.

Independente das caprichadas produções góticas e das aspirações intelectuais, os filmes para o mercado jovem continuavam invadindo as bilheterias e *drive-ins*, para aflição dos pais e delírio da garotada. Entre as desculpas para pegar o carrão do pai e sair com a garota estavam: "Homicidal" (61) de Willian Castle (ele de novo), uma das primeiras crias de "*Psicose*"; "Night Creatures" (62); "The Sadist" (63); "The Man With the X-Ray Eyes" (63) de Roger Corman; "The Flesh Eaters" (64); "Curse of the Living Corpse" (64); "Horror of Party Beach" (64); e "Blood Bath" (66). Nessa linha merece destaque o diretor Herschel Gordon Lewis, o primeiro a mostrar sangue e mutilações explicitamente e em cores! Apesar da pobreza da produção e realização, seus filmes, "Blood Feast" (63), "2000 Maniacs" (64) e "Color Me Bloody Red" (65), acabaram se tornando "clássicos". Lewis desenvolveu, e ampliou, seu *estilo* com "Monster a Go-Go" (65), "A Taste of Blood" (67) e "Gruesome Twosome" (68), entre outros. Seus filmes, hoje, são considerados precursores do cinema sangrento dos anos 80. Era a época do "*Mundo Cão*", dos chamados *exploitation movies* (filmes apelativos, sensacionalistas) e valia tudo na briga pela bilheteria. Para contornar as péssimas condições de realização, os produtores procuravam atrair o público com títulos cada vez mais absurdos e amalucados, muitas vezes mais divertidos (e longos) do que os próprios filmes. Algumas pérolas: "Dr. Terror's House of Horrors" (65), "The Eye Creatures" (65), "Island of the Burning Doomned" (67), "The Torture Chamber of Doctor Sadism" (67), "Mad Doctor of Blood Island" (68) e..."The Incredibly Strange Creatures Who Stopped Living and Became Crazy Mixed-Up Zombies" (63), o primeiro musical de horror. Mas toda essa divertida piração entrava em um beco sem saída, os títulos prometiam muito e os filmes cumpriam pouco. O furacão anos 60 chegava ao auge e pedia um digno representante.



Barbara Steele, antes e depois de usar "A Máscara do Demônio". Embaixo, "A Noite dos Mortos-Vivos".

E foi em 1968 que o clássico "Night of the Living Dead" (*A Noite dos Mortos-Vivos*) chegou às telas, vendo toda a insegurança de um período de mudanças, pelas lentes de aumento do horror. Dirigido por George Romero o filme (com produção baratíssima), conseguiu unir um roteiro excepcionalmente bem estruturado, a cenas de violência e nojo, até então inéditas e deixou para a história, além de um marco para a época, um divisor de águas no gênero. "Night of the Living Dead", junto com o sadismo de "*Psicose*", apontava o novo caminho a seguir: violência e escatologia.



No próximo número, as décadas de 70 e 80.

Mary Shelley's Frankenstein

"Deus nos deu pragas, nos deu doenças, guerras e um mundo muito imperfeito. Mas também nos deu a possibilidade de aperfeiçoá-lo. Essa é a nossa maior responsabilidade."

Baseado nesse grandioso conceito, o doutor Victor Frankenstein acertou em cheio (ao menos para nós, espectadores e leitores) e em suas tentativas de driblar e dominar a morte, criou um dos mais simpáticos, tocantes e duradouros monstros da história.

A nova versão de "Frankenstein" vinha sendo

estudada desde quando o diretor Francis Ford Coppola e o produtor James V. Hart pretenderam produzir uma trilogia de filmes, que homenageassem os primeiros clássicos do horror. O projeto original tinha Coppola como diretor, mas depois de dirigir "Bram Stoker's Dracula", ele não quis acompanhar tão de perto outra produção do gênero e a missão acabou nas mãos do irlandês Kenneth Branagh, que vinha das bem sucedidas adaptações shakespeareanas: "Henrique V" e "Muito Barulho por Nada", além do *thriller* hitchcockiano, "Voltar a Morrer". Branagh, que no filme interpreta o Dr. Frankenstein, não gostou muito do roteiro, originalmente escrito para o filme por Stephen Lady, achou-o muito parecido com os outros filmes de "Frankenstein", já feitos e buscou inspiração no romance original. "Uma história tão forte", diz ele, "que, meses após sua publicação, tornou-se uma peça de teatro; um filme mudo no início da história do cinema e um sucesso no início do cinema falado. Tem sido refilmado regularmente, desde então".

Branagh não quis seguir o mesmo conceito de ambientação usada por Coppola em "Drácula", todo rodado em estúdio, com atmosfera propositalmente artificial e utilizou tomadas em locações reais e exóticas nos Alpes Suíços, onde o filme é ambientado. As cenas internas foram rodadas nos Shepperton Studios, na Inglaterra.

Como em "Bram Stoke's Dracula", a intenção foi fazer um filme, o mais fiel possível à obra original. Foi essa preocupação que entusiasmou o roteirista Frank Darabont, que reescreveu o roteiro e se disse muito influenciado pelas fantásticas ilustrações de Berni Wrightson, feitas para uma das edições em livro da história. Para Darabont, os desenhos de Wrightson são as melhores visualizações já feitas do monstro, criado por Mary Shelley na célebre noite de devaneios intelectuais, poéticos e eróticos. Essa famosa noite, já foi filmada por Ken Russel em "Gothic" (86), um trabalho muito elogiado, infelizmente inédito aqui.

A produção "classe A" garantiu uma grande estrela para o filme, nada menos que Robert De Niro na pele da criatura. De Niro, desde o início do projeto era considerado o ator perfeito para o papel, tanto por Coppola (com quem já trabalhara em "*Poderoso Chefão 2*"), como por Branagh. Especialista em tipos desajustados, desequilibrados ou endemoniados (*Taxi Driver, Cabo do Medo, Coração Satânico*), o ator se submeteu a umas boas 10 horas diárias na cadeira do maquiador Daniel Parker. Partindo de um princípio lógico, a criatura (que lembra muito o monstro vivido por Christopher Lee em "The Curse of Frankenstein", da Hammer), deveria aparentar, realmente ter sido composta por partes de diferentes corpos, com pernas e braços de tamanhos desiguais. Além disso, as proteses foram cuidadosamente confeccionadas, num magnífico trabalho de maquiagem, para que não escondessem as feições do ator (afinal, pagamos para vê-lo na tela!). Os detalhes finais ficaram por conta do perfeccionista De Niro que, desenvolveu a criatura nos mínimos detalhes de vestimenta, postura, gestos, modo de andar e falar, chegando a estudar a fala de incapacitados e deficientes, para melhor compor seu personagem.

De Niro no filme e Branagh (abaixo), em um intervalo de filmagem.

"Frankenstein" é como uma tragédia grega", diz Branagh, "o romance criou um fascinante debate moral, ainda hoje provocante. Seria uma boa idéia a criação da vida, ou a prevenção da morte? Estaríamos certos em tomar o lugar da natureza, ou de Deus? Por todas essas implicações, é um livro bem melhor que "Drácula". Se houverem realmente, apenas seis histórias básicas no mundo, "Frankenstein" certamente é uma delas. E se nós a reinterpretamos corretamente para uma nova geração, captando toda a sua profunda simplicidade e atemporalidade, estarei satisfeito".

GEORGE ROMERO

O HOMEM QUE SOLTOU OS MORTOS-VIVOS NO CINEMA MODERNO

Ele nunca concorreu a Oscar, não tem nome com estrela em calçada, nem teve os canais, páginas e pernas da mídia abertas ao seu trabalho. Já foi acusado de irresponsável pelas atrocidades apresentadas em seus filmes. É friamente "respeitado" pela crítica e adorado por fãs do horror em todo o mundo. George A. Romero, o pai dos mortos-vivos e da modernização do horror no cinema, através do citadíssimo "Night of the Living Dead".

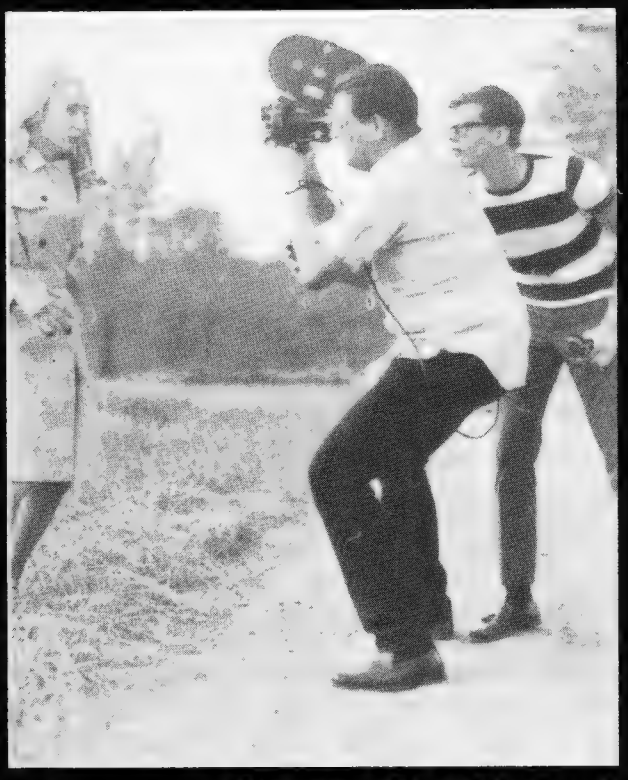
Romero (nascido em Nova York em 1940), cresceu no Bronx e chegou a assistir aos "Frankenstein" e "Drácula" originais, com apenas oito anos de idade. Para um garoto com essa infância, o resultado não poderia ter sido outro: ao ganhar uma câmera de 8mm de um tio, o jovem diretor, então com 14 anos, partiu para suas primeiras experiências no cinema fantástico, em brincadeiras repletas de armas de raio e monstros espaciais.

Mudando-se para Pitsburgh, onde vive até hoje, Romero, com um grupo de amigos, montou a Latent Image, uma produtora de comerciais para TV e filmes industriais. Para contornar a dificuldade econômica, na qual a produtora entrava e ambicionando maiores liberdades criativas, ele resolveu virar a mesa e fundar, com nove parceiros, a IMAGE TEN e partir para a maior das aventuras: produzir um filme de terror!

Baseado livremente no conto "Eu Sou a Lenda", de Richard Matheson (que já havia sido adaptado para o cinema em 64 como, "The Last Man on Earth", com Vincent Price), Romero e John Russo desenvolveram o roteiro para o filme, então chamado "The Night of the Flesh Eaters". A forma de se contornar dificuldades econômicas e de produção foi engenhosamente simples (anotem, futuros Romeros e Mojicas): cada um dos dez (TEN) envolvidos contribuiu com uma parte em dinheiro e se comprometeu também em conseguir um segundo investidor e ainda participaram, como puderam, na produção. Alguns até "atuaram" como zumbis. Os mais produtivos foram, sem dúvida, Karl Hardman e Elizabeth Eastman, que no filme interpretam o casal Cooper. Karl era produtor de rádio e foi responsável pela seleção musical, para a trilha sonora e efeitos da sonoplastia. A trilha é uma pérola aparte, que utilizou trechos de *scores* musicais

de filmes de horror e ficção dos anos 50, conseguindo um efeito ingênuo e macabro, que caiu como uma luva para o filme, acentuando seu clima bizarro. Elizabeth, além de atuar como Helen Cooper, fez também uma zumbi e foi responsável por boa parte da maquiagem. Outros ajudaram como puderam. Um amigo, dono de frigorífico, forneceu ossos e vísceras (reais) de animais, para os atores se banquetearem nas cenas de canibalismo! O próprio Romero aparece como um repórter, numa cena de TV e também preparou o cadáver no alto da escada, maquiando a cabeça de um manequim com um daqueles *kits* científicos educacionais. O resultado é impressionante. A consequência de todo esse empenho e dedicação foi um dos maiores clássicos do cinema de horror, rebatizado como "The Night of the Living Dead". Ao ser lançado, em 68, a repercussão foi tamanha que surpreendeu até mesmo Romero e equipe. Certamente as platéias da época não estavam preparadas para cenas que traduziam, tão intensamente, as mudanças e instabilidade vividas no período. Além das já citadas cenas de canibalismo, uma das sequências mais fortes é a da garota que ataca os pais (vista em "Christiane F"). Para completar, o filme tinha um herói negro, e um final desolado, pessimista que, de certa forma, antecipava o "no-future" punk! Todos esses elementos causaram muitas críticas negativas, polêmicas (questinou-se até a sanidade mental dos envolvidos) e dificuldades em sua distribuição, mas não puderam ofuscar o êxito do filme.

"Night of the Living Dead" revolucionou o gênero,



Romero em ação, nas filmagens de "Night of Living Dead".

acumulando sucesso e elogios até hoje. Só a carreira de Romero é que não seguiu tão bem. Depois de "Night", seus trabalhos foram filmes muito mal distribuidos, como a obscura comédia (!) "There's Always Vanilla" e "Hungry Wives" (72), que só foi lançado em 82, para aproveitar o sucesso de "Dawn of Dead" e "Creepshow". Desse período só se conhece "The Crazies" (Exército de Extermínio, 73), que praticamente reedita a história de "Night of the Living Dead", em meio a muita tensão e descontrole, a assinatura de Romero. "The Crazies" contém a idéia de que a sociedade é incapaz de viver em absoluta e confortável organização, principalmente quando confrontada com forças (armadas) que, deveriam ser as responsáveis pela ordem . Essa situação é constante em seus filmes e aparece também no seguinte, "Martin" (77). Aqui já associado ao produtor Donald Rubinstein e abrindo uma nova fase em sua carreira, depois de passar alguns anos produzindo documentários esportivos, para a TV. Em "Martin", um jovem problemático e desorientado é marginalizado por uma sociedade intolerante, ocupada demais com seus próprios erros. "Martin" (que marca a estréia de sua colaboração com o maquiador Tom Savini) é um dos melhores trabalhos de Romero e também um dos mais "sensíveis" filmes de horror já realizados. Certamente será considerado um clássico, quando os anos 70 (e seus filmes de horror) forem lembrados com menos preconceito.

Com as finanças mais controladas e a boa acolhida a "Martin", Romero resolveu preparar a sequência para "Night of the Living Dead", então com dez aninhos. E em 79 era lançado "Dawn of Dead", mais um marco do horror moderno. Desprezando linhas convencionais de

John Amplas em "Martin".

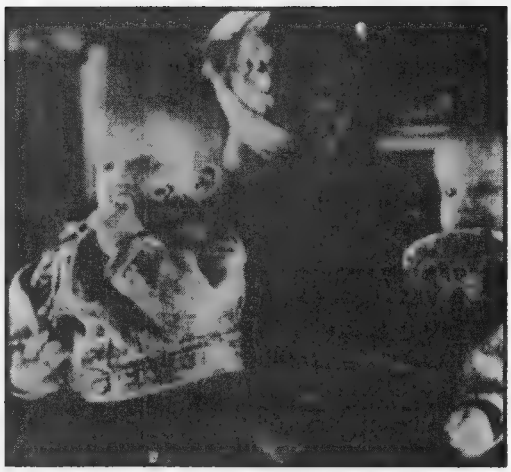
roteiro, o filme tem uma das mais originais aberturas já vistas. Sem maiores explições, joga o espectador em um furacão de horror e violência magistralmente encenados pelo diretor. O filme, produzido com a ajuda do diretor italiano Dario Argento, foi visto como uma ácida radiografia da desumanização do homem e da irreversível evolução de valores materiais e consumistas. A cena com os mortos-vivos vagando por um shopping-center é inesquecível. O próprio shopping é mostrado como um ilusório refúgio, para onde os protagonistas vão em busca de abrigo e mantimentos. Com efeitos incríveis do maquiador Tom Savini, "Dawn of Dead" marcou época, originou o gênero *splatter* e num fato inédito, acabou circulando sem cortes e sem as constrangedoras classificações de censura da MPAA (Motion Picture Association of America). No lugar delas Romero sugeriu que, nos cartazes, houvesse um "aviso" sobre o pesadíssimo conteúdo do filme. Chegou a ser exibido em nossos cinemas como "Zumbi, o Despertar dos Mortos", mas ainda está inédito em video.

Cena de "Dawn of Dead". Ao lado, Romero em um intervalo de filmagens.

Depois do sucesso de "Dawn of Dead", Romero fez uma pausa no horror para realizar, em 81, "Knightriders" (Cavaleiros de Aço), uma fábula *hippie* sobre um grupo que monta espetáculos, recriando a Idade Média nas periferias das cidades. Nos duelos entre os guerreiros, os cavalos são substituidos por motos! O conflito principal é centrado em Ed Harris, o líder, preocupado em preservar a unidade e princípios do grupo e Tom Savini, mais interessado em morder um gordo contrato e vender o show para uma rede de TV. No elenco uma rápida aparição de Stephen King e de Christine Forrest, a mecânica narigudinha, que mais tarde se tornaria esposa do diretor.

Em 82, Romero e Stephen King se uniram na realização de um filme em episódios (adaptados de contos de King) que se baseava, e homenageava, o universo visual das histórias de horror em quadrinhos da E.C. Comics, comum a adolescência de ambos. Dos episódios que compõe "Creepshow", vale ser destacado o último, com o milionário recluso que é atacado por baratas. Uma pequena jóia do suspense, com poucos efeitos e um excelente *timing* cinematográfico, que aponta Romero como um digno sucessor do mestre Hitchcock. Ele só não é badalado e divulgado, como um Brian De Palma, por exemplo, por sua eterna teimosia em continuar trabalhando no estúdio em Pitsburgh, longe das badalações e intrigas de Hollywood. Se o acesso aos grandes orçamentos é reduzido, ao menos as castrações e imposições dos produtores são menores. Num gênero como o cinema fantástico, a criatividade e experimentação não podem ser condicionadas por "detalhes" como, censura e bilheteria. E é essa incerteza entre pequenos e grandes orçamentos que justifica os problemas na produção de "Day of Dead" (Dia dos Mortos, 85), a terceira parte da série "living dead". Originalmente concebido como um *gran-finale*, o filme teve que ser simplificado por problemas com o roteiro e orçamento. Apesar de ser sustentado pela forte direção de Romero e pelos geniais efeitos de Savini, o resultado é apenas morno, se comparado aos dois arrasadores clássicos que o precedem. A história se desenvolve num mundo devastado, possivelmente o futuro, onde um grupo de pessoas isoladas numa base militar subterrânea,

Cena de "Cavaleiros de Aço".



Cena da nova versão de "Noite dos Mortos-Vivos". À direita, "The Dark Half".

procura desesperadamente uma forma de domesticar os mortos-vivos que dominaram todas as cidades vizinhas e, possivelmente, todo o planeta. Na sequência de abertura, um jornal voa pelas ruas desertas trazendo a manchete: "The Dead Walk". A incomunicabilidade entre os homens, também muito presente nos filmes de Romero, aqui, alcança níveis insuportáveis e de consequências desastrosas, culminando num apocalíptico final, que não vê esperanças para o mundo, como uma sociedade sã e organizada. Somente os que souberem preservar sua individualidade, escaparão desse oceano de caos e insensatez.

Novamente adaptando contos de Stephen King, Romero roteiriza "Creepshow 2" (Show de Horrores), que foi dirigido em 87, por Michael Gornick.

Tentando contornar de vez as dificuldades de orçamento, absurdas para um diretor então com vinte anos de carreira, Romero assinou com um grande estúdio, a Orion, para a realização de seu próximo longa, "Monkey Shines" (Comando Assassino, 88), e o resultado não poderia ter sido outro: um ótimo suspense (que explora as restrições e condicionamentos a que o homem é submetido por seus semelhantes), com um final feliz, imposto pelos produtores, em que tudo se resolve simplóriamente. Contrariando a tendência explícita e exagerada dos anos 80 (que o próprio Romero inspirou), "Monkey Shines" é um de seus trabalhos mais sutís e discretos.

Seu trabalho seguinte, à convite de Dario Argento foi "Two Evil Eyes" (Dois Olhos Satânicos, 90), uma adaptação de contos de Edgar Allan Poe. O projeto incluía Wes Craven e John Carpenter que, infelizmente, ficaram de fora. No filme, enquanto o diretor italiano exercitava seu habitual estilo delirante (auxiliado pelo grande ator Harvey Keitel), Romero se saía melhor dando uma nova mostra de sua capacidade, num ótimo suspense baseado no conto "O Caso do Sr. Waldemar", onde um casal é perseguido por um... morto-vivo.

A essa altura, o filme "Night of the Living Dead" já havia caído em domínio público e antes que fosse refeito ou recebesse homenagens oportunistas, ele mesmo resolveu refilmá-lo, desta vez encarregando-se só do roteiro e deixando a direção para seu velho colaborador, Tom Savini. Mas o resultado ficou surpreendentemente mais fraco que o original. Mesmo com a direção precisa e a atualização técnica, o filme não alcançou o mesmo impacto visual e atmosférico de antes, e aceitou resignadamente os cortes impostos pela MPAA. Essa briga parece ser eterna, e só mesmo muita teimosia e dedicação para encarar a constante dificuldade imposta aos que tem conceitos muito pessoais e divergentes da maioria "bem-pensante".

Seu filme mais recente é "The Dark Half" (A Metade Negra, 93), baseado em Stephen King, e já lançado em video, que conta as dificuldades de um escritor em dominar seus instintos mais primários. "The Dark Half" foi igualmente (e intensamente) criticado e elogiado. Romero novamente dividiu opiniões, como era de se esperar, afinal o homem pertence à mesma linhagem obstinada e incorrigível que já deu ao cinema gênios como Orson Welles, Sergio Leone e Sam Peckimpah. George Romero, junto com Robert Altman, talvez seja um dos últimos rebeldes do cinema americano. Alguém que ainda promete muitos sustos e reflexões.

FILMOGRAFIA
(Os títulos em português foram lançados em video)

Night of the Living Dead - 1968
A Noite dos Mortos-Vivos - VTI
There's Always Vanilla - 1972
Hungry Wives - 1973
The Crazies - 1973
Estirpe de Extermínio - Transvideo
Martin - 1977
Martin - UMF Video
Dawn of Dead - 1979
Knightriders - 1981
Cavaleiros de Aço - Horror
Creepshow - 1982
Creepshow - Look Video
Day of Dead - 1985
Dia dos Mortos - Look Video
Monkey Shines - 1988
Comando Assassino - Globo Video
Two Evil Eyes - 1990
Dois Olhos Satânicos - Look Video
The Dark Half - 1991
A Metade Negra - UK Tel

ED WOOD

O Rei do Trash!

A partir do final da decada de 80, a America viu uma crescente "valorização" da cultura *kitsch*, ou brega. São aquelas abobrinhas queridas que todos nós, de alguma forma, já curtimos, mas temos vergonha de admitir, como filmes de monstros, turma da praia, pornochanchadas, Mundo Cão, Elvis-anos 70, calças boca-de-sino, os óculos do Elton John, Liberace, Bee Gees, Phil Collins e um infinito etc. Os filmes de David Lynch (principalmente "Veludo Azul" e "Coração Selvagem") e os filmes de horror propositalmente vagabundos, produzidos nos anos 80, assumindo orgulhosamente sua condição **trash** (lixo), foram os grandes responsáveis pela apreciação (ou "respeitosa depreciação"), dessa anomalia, por muitos anos desprezada, de forma rabugenta, como uma manifestação cultural sub-qualquer-coisa. Um dos grandes "mestres" e pioneiro, dessas queridas tralhas foi Edward D. Wood Jr., que agora, com sua vida filmada pelo "alternativo" Tim Burton, passa a ser apreciado por uma nova geração de interessados em horror, *trash movies*, filmes "B" e preciosidades afins.

Ed Wood, que trabalhou eternamente preso a orçamentos mínimos, é sempre lembrado por "Glen or Glenda" e, principalmente, por "Plan 9 From Outer Space". "Glen or Glenda", seu primeiro filme, se divide em duas partes, a primeira sobre travestimento e a segunda sobre transexualismo. O lendário ator húngaro Bela Lugosi (o primeiro Drácula do cinema) faz um psicólogo que explica as diferenças entre as duas modalidades. Wood, como se sabe, a-do-ra-va roupas femininas e garante que usou sutiã e calcinha, sob seu uniforme de fuzileiro na Segunda Guerra. Essa paixão o levou a atuar como o protagonista do filme (depois que nenhum ator aceitou o papel) acentuando o lado "autobiográfico" do trabalho.

Além de dirigir ele também era ator, roteirista e escritor, e conseguiu a glória de ser consagrado o pior diretor de todos os tempos. Seus filmes podem ser atacados pela ingenuidade de encenações, diálogos ridículos e pela falta de recursos, mas ao menos não são entediantes e garantem uma saudável sessão de gargalhadas.

Sempre desprezado pelos grandes estúdios e contando com pouquíssimos colaboradores, Wood tinha que desenvolver sozinho seus próprios roteiros e idéias (todas malucas). Em "Bride of the Monster", Bela Lugosi é um cientista, que trabalha em um laboratório isolado, em um pântano e usa energia atômica na criação de super-seres. Bela usa a experiência em si mesmo, tornando-se extremamente forte. Seu duelo com Tor Johnson (o grandão careca de "Plan 9") termina em um poço habitado por um mortífero polvo! No roteiro de "The Violent Years" (dirigido por Franz Eichorn), Wood conta as estripulias de uma gang de garotas "barra-pesada", que depredam escolas e provocam os homens que encontram. Em "The Bride and the Beast", uma mulher que participa de um safari com seu marido, provoca estranha reação nos animais da selva e sente-se atraída por um gorila! Nada mais natural, afinal ela é, simplesmente, a reencarnação de uma gorila!! E depois de voltar a sua antiga forma e abandonar o marido, ela foge para as selvas com seu novo parceiro!!!

Cena de "Plan 9 from Outer Space".

Seu filme mais famoso, "Plan 9 From Outer Space", foi construído sobre alguns minutos de material filmado com Bela Lugosi, pouco antes de sua morte (em 56, aos 73 anos). Lugosi, no filme é revivido pelos alienígenas que invadem a Terra e, numa situação já famosa, foi substituído por outro ator, que passa o resto do filme com uma capa cobrindo o rosto (Wood achou que era o suficiente e ninguém iria notar a diferença). Os outros revividos são, um policial (Tor Johnson) e a esposa de Bela (Vampira, a atriz Maila Nurmi), que também participaram de "Night of the Ghouls", a sequência de "Plan 9", onde um médium picareta promete à seus clientes, contato com parentes mortos e, acidentalmente, ressuscita um bando de cadáveres num cemitério!

"Plan 9" e "Night of the Ghouls" contou também com a participação do figuraça Criswell, um autêntico profeta que afirmava que no futuro haveriam cidades totalmente habitadas por homosexuais, congressos com alienígenas seriam comuns em diversas cidades e as leis da gravidade deixariam de funcionar fazendo com que icebergs flutuassem pelos céus!

O último filme de Wood como diretor, "The Sinister Urge", já apontava para o mercado *sexploitation* (sex + exploitation), contando a história de um maníaco que assassina atrizes de filmes pornô.

Com o sucesso da TV nos lares americanos, a necessidade de filmes "B" (filmes que serviam de acompanhamento ao "prato-principal") diminuiu sensivelmente no cinema e os produtores e diretores que atuavam nessa linha, aderiram ao crescente mercado da pornografia. Wood entrou nessa linha com "Orgy of the Dead" (só roteiro), que conta o duro trabalho do "Senhor da Morte" castigar os pecadores antes que estes passem para o outro lado. Entre as castigadas (todas garotonas de topless), uma mulher é transformada em estátua, outra é espancada por seus ex-escravos e uma assassina é forçada a se casar com um esqueleto (!?).

No alto, Bela Lugosi em "Bride of the Monster". No centro, cena de "The Bride and the Beast". Abaixo, Johnny Depp no filme de Tim Burton.

O mercado pornô se tornava cada vez mais explícito e Wood foi em frente (só como roteirista), com os quase *hardcore* "Take it Out in Trade" e "Necromania". Sua carreira desaparece nesse meio, com filmes ainda mais obscuros e desconhecidos, do que tudo o que ele já havia feito. Wood morreu em 78, vítima de ataque cardíaco. Seus filmes permaneceram desconhecidos (e desprezados) por muitos anos. Alguns só foram descobertos recentemente.

Infelizmente, nenhum de seus filmes foi lançado em vídeo no Brasil. Esperamos que, graças a Tim Burton, essa falha seja corrigida.

FILMOGRAFIA

Glen or Glenda (53)
Jail Bait (55)
Bride of the Monster (56)
The Bride and the Beast (58)
Plan 9 From Outer Space (59)
Night of the Ghouls (59)
The Sinister Urge (59)

BERNARD HERRMANN

O Compositor dos Paranóicos e Assassinos

"A primeira preocupação de um compositor, ao sonorizar um filme, é se colocar dentro do drama. Se ele não é capaz disso, nem deveria estar compondo".

Com esse conceito e respeito para com a música de cinema, o compositor e maestro americano Bernard Herrmann deixou uma magnífica obra em trilhas sonoras que continuam, ainda hoje, incrivelmente fortes. Suas composições conseguiram transpor a época em que foram escritas e superam, até mesmo, as cenas para as quais foram compostas.

Nascido em Nova York, em 29 de junho de 1911, Herrmann estudou composição na Juliard School of Music e, mais tarde, na Universidade de Nova York. Em 1931 formou a New Chamber Orchestra, grupo que ele liderou até 1934, quando foi nomeado maestro da rádio CBS. Nessa rádio, Herrmann conheceu Orson Welles, com quem trabalhou nas emissões do seu Mercury Theatre. Em 1940, ao realizar seu primeiro filme, Welles convidou o compositor para musicá-lo (mais uma valiosa contribuição do genial gorducho, para a arte cinematográfica) e assim, Herrmann estreava nas telas, com a trilha sonora de "Cidadão Kane". No ano seguinte, ele já era premiado com o Oscar (seu único) pelo filme "The Devil and Daniel Webster".

Toda a qualidade e riqueza de seu trabalho, são consequência do compositor considerar a música para filmes, um terreno pouco explorado, mas de infinitas possibilidades e que merecia uma atenção maior do que, a que habitualmente, lhe era dedicada. Para Herrmann, as trilhas ofereciam grandes possibilidades criativas, muito maiores do poderia se supor, considerando as óbvias e melosas composições que imperavam em Hollywood, sempre orientada por resultados de bilheteria e nunca pela criatividade, uma situação que reina até hoje. E foi longe dessa mentalidade (onde o compositor sempre procurou se manter) que, Herrmann produziu uma obra inesquecível, que pode ser vista como uma ponte entre a já citada melosidade dos dramalhões de apelo popular e o modernismo ousado de um Orson Welles, por exemplo. Vale dizer que o gênio criativo de Welles, nunca foi bem digerido pela máquina hollywoodiana e foi essa individualidade que aproximou o músico desse cineasta, e mais tarde, de Alfred Hitchcock, com quem é mais frequentemente associado.

Para Hitchcock, o mestre do suspense, Herrmann compôs suas mais famosas peças, sempre marcadas por uma extrema coerência musical e instrumental. Por isso ele foi considerado o melhor compositor para sonorizar a personalidade de paranóicos e desequilibrados, assim como

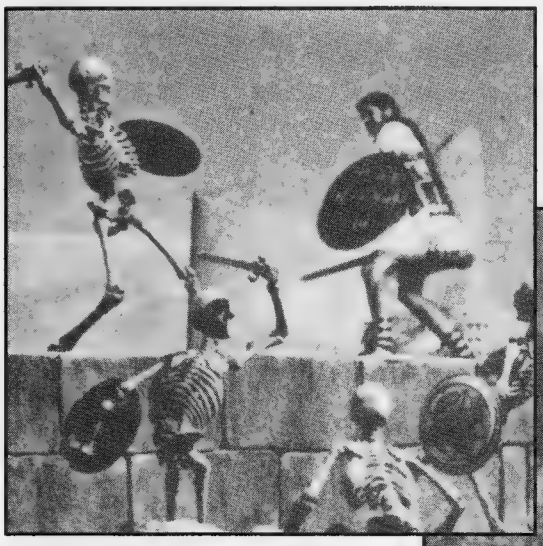
cenas de suspense e assassinato. Segundo ele, "a música atinge as pessoas emocionalmente. É o elo de ligação entre a platéia e o que se desenvolve na tela"

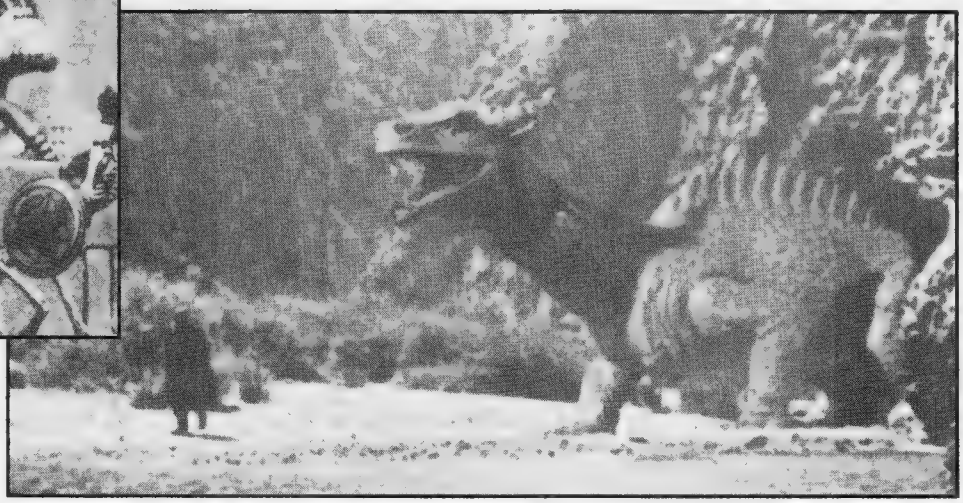
Com absoluto domínio dos timbres e ritmos instrumentais, Herrmann criou atmosferas inesquecíveis e insuperáveis. A mais famosa, provavelmente, é a trilha de "Psicose", toda escrita para uma orquestra de cordas, conseguindo uma sonoridade aguda, gelada e cortante, como as facas de cozinha da Sra. Bates. Os ataques agudíssimos de violino, na célebre cena do chuveiro, são tão, ou mais, importantes que toda a apresentação visual da sequência e mesmo ouvidos sem o "acompanhamento" das cenas, conservam seu arrepiante efeito.

Essa preocupação "atmosférica" foi de extrema importância para embalar aventuras e ficções, como as fantasias de Ray Harryhausen, o mestre do *stop-motion*. Nesse terreno, Herrmann fez o que quis, com inusitadas e eficientes combinações instrumentais, como a massa sonora composta por orquestra e cinco órgãos (um de igreja e quatro eletrônicos), usada na trilha de "Viagem ao Centro da Terra"; os xilofones na batalha com os esqueletos de "Simbad e a Princesa"; os dois *theremins* (o avô do sintetizador) e violino elétrico ouvidos em "O Dia em que a Terra Parou"; a orquestra "reduzida", com flautins, triângulo e harpas, para a delicada marcha real de "Os Três Mundos de Gulliver" e o prelúdio de "A Ilha Misteriosa", que com instrumentos de sopro e variados efeitos de percussão, simula uma tempestade. Merece ser citado também seu trabalho "impressionista" feito para "Os Pássaros", onde não há música e sim efeitos sonoros (guinchos e trinados modelados eletrônicamente) que, traduziam o ameaçador "mau humor" das aves.

Essa diversidade também se apresenta em seus trabalhos para a TV (The Alfred Hitchcock Show, Kraft Suspense Theatre), onde mesmo as orquestras de pequeno porte, não significaram restrição para sua criatividade. Suas partituras para a antológica série "Twilight Zone" (Além da Imaginação), não deixam nada a dever para as trilhas da telona. Aqui merecem destaque, o tema de abertura da série (utilizado nos primeiros episódios, em 59/60), com suas múltiplas harpas, que criavam um misterioso prelúdio para os filmes apresentados em seguida (não confundir com o famoso tema de Marius Constant); a composição para o histórico primeiro

Herrmann gravando (em uma igreja) a trilha de "Nasce um Monstro". Abaixo, James Stewart e Kim Novak em "Vertigo".





Acima, cena de "Jasão e o Velo de Ouro". À direita, "Simbad e a Princesa".

episódio "Where is Everybody?" e a composição para "The Lonely".

Seu forte não foram apenas os efeitos e atmosferas, Herrmann também brilhou em belíssimas melodias como os líricos temas de "Jane Eyre" e "Snows of Kilimanjaro"; o blues de "Taxi Driver"; o melancólico final de "Fahrenheit 451"; ou o tema de amor de "Vertigo" (Um Corpo Que Cai), especialmente no hipnótico arranjo para a sequência em que Kim Novak "ressuscita", tão intenso que, os diálogos são desnecessários.

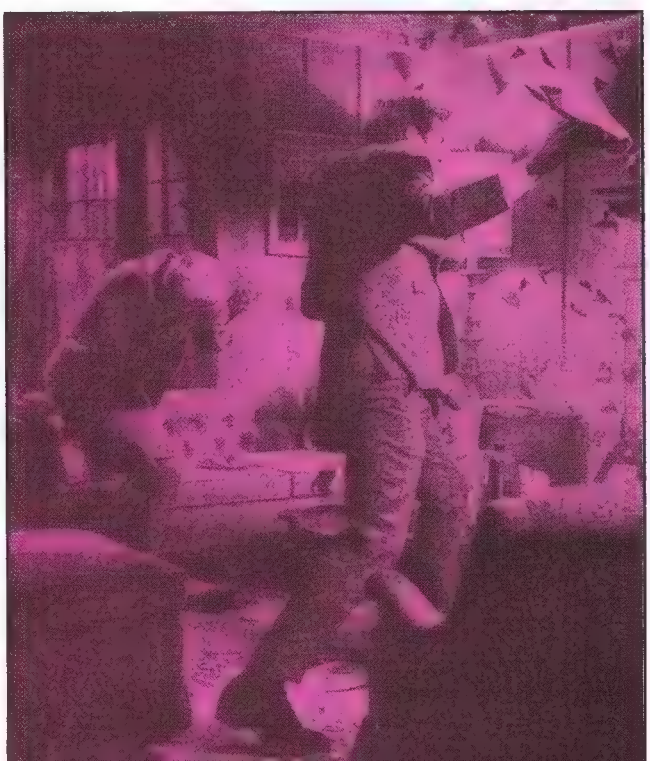
No alto, cena de "Fahrenheit 451". Foto pequena, Robert De Niro em "Taxi Driver". Abaixo, o primeiro "Cape Fear". A direita "Os Pássaros".

A indisposição de Herrmann com os executivos do cinema e destes para com o compositor, chegou ao extremo em meados dos anos 60, e o músico viu seus conceitos de arranjo e criação musical, não corresponderem mais às necessidades hollywoodianas que, agora precisava de *scores* mais "fáceis", populares e, evidentemente, de grande vendagem. Tanto que, seu trabalho para "Cortina Rasgada", de Hitchcock, nem foi usado. Herrmann, então, mudou-se para a Inglaterra e sonorizou uma série de filmes europeus, entre eles: "A Noiva Estava de Preto" e "Fahrenheit 451", ambos dirigidos por Françoise Truffaut.

No início dos anos 70, uma nova geração de cineastas americanos passavam a adorar os filmes de Hitchcock, por muito tempo visto apenas como um diretor de filmes divertidos e incosequentes. Esses diretores (Scorsese, De Palma, Coppola, entre outros) que estudaram seus filmes, ritmo e montagem, revalorizaram o trabalho de Herrmann e o convidaram para compor a música de alguns de seus filmes. Para Brian De Palma, um seguidor do universo estilístico de Hitchcock, o compositor musicou "Irmãs Diabólicas" e "Trágica Obsessão", assim como "Nasce um Monstro" para Larry Cohen e "Taxi Driver" para Martin Scorsese, sua última composição.

Sem contar a trilha original de "Cortina Rasgada", Herrmann compôs 49 acompanhamentos musicais para cinema. Após sua morte (no Natal de 75), o compositor inglês Laurie Johnson criou, para "Nasce um Monstro 2", uma variação dos temas compostos por Herrmann para o primeiro filme, num trabalho póstumo que, pode ser considerado sua 50ª trilha sonora.

Bernard Herrmann foi um talento único na história do cinema e suas composições se mantém modernas e poderosas, como prova o trabalho realizado por Elmer Bernstein sobre o *score* de "Cape Fear" (62), para a refilmagem, feita em 92, por Martin Scorsese.



Além, de trilhas para filmes, o compositor deixou outros trabalhos, como óperas e concertos. Entre eles: o balé "Body Beautiful" (34); "Sinfonieta for Strings" (35); "Moby Dick" (38); "Sinphony for Orchestra" (40); a ópera "Wuthering Heights" (45); uma versão musical de "A Christhmas Carol" (55); o Quarteto para Cordas "Echoes" (66); um Quinteto para Clarinete (67) e o balé "Ante Room" (71). E ainda um Nocturne para orquestra; duas óperas natalinas, feitas para a TV e um ciclo de canções para vozes e orquestra chamado "Fantasticks". Alguns desses trabalhos, como a Sinfonia de 1940, a Sinfonieta for Strings e o Quinteto para Clarinete, foram editados recentemente em CD (lá fora, claro). Com excessão de um único CD, recentemente lançado aqui, pelo selo Milan, com uma pequena amostra de seus trabalhos para cinema, a discografia nacional de Herrmann (em LPs ou CDs) continua sendo de uma pobreza imperdoável. No quadro abaixo, sua filmografia.

De Niro e Nick Nolte em "Cape Fear".

FILMOGRAFIA (para cinema)

Citizen Kane - 1940
Cidadão Kane
Dir.: Orson Wells
The Devil and Daniel Webster - 1941
O Homem que Vendeu a Alma
Dir.: William Dieterle
The Magnificent Ambersons - 1942
Soberba
Dir.: Orson Wells
Jane Eyre - 1944
Jane Eyre
Dir.: Robert Stevenson
Hangover Square - 1945
Concerto Macabro
Dir.: John Brahm
Anna and the King of Siam - 1946
Anna e o Rei do Sião
Dir.: John Cromwell
The Ghost and Mrs. Muir - 1947
O Fantasma Apaixonado
Dir.: Joseph L. Mankiewicz
On Dangerous Ground - 1951
Cinzas que Queimam
Dir.: Nicholas Ray
The Day the Earth Stood Still - 1952
O Dia em que a Terra Parou
Dir.: Robert Wise
Five Fingers - 1952
Cinco Dedos
Dir.: Joseph L. Mankiewicz
The Snows os Kilimanjaro - 1952
As Neves do Kilimanjaro
Dir.: Henry King
White Witch Doctor - 1953
Feitiço Branco
Dir.: Henry Hathaway
Beneath the Twelve Mile Reef - 1953
Rochedos da Morte
Dir.: Robert D. Webb
King of the Khiber Rifles - 1953
Rebelião na India
Dir.: Henry King
The Egyptian - 1954
O Egípcio
Dir.: Michael Curtiz
Garden of Evil - 1954
O Jardim do Pecado
Dir.: Henry Hathaway
Prince of Players - 1955
O Gênio da Rivalta
Dir.: Philip Dunne
The Man in the Grey Flannel Suit - 1955
O Homem do Terno Cinzento
Dir.: Nunnally Johnson
The Kentuckian - 1955
Homem Até o Fim
Dir. Burt Lancaster
The Trouble With Harry - 1956
O Terceiro Tiro
Dir. Alfred Hitchcock
The Man Who Knew Too Much - 1956
O Homem Que Sabia Demais
Dir.: Alfred Hitchcock
The Wrong Man - 1957
O Homem Errado
Dir.: Alfred hitchcock
A Hatful of Rain - 1957
Cárcere Sem Grades
Dir.: Fred Zinnemann
The Naked and the Dead - 1958
A Morte Tem Seu Preço
Dir. Raoul Walsh
Vertigo - 1958
Um Corpo Que Cai
Dir.: Alfred Hitchcock
The 7th Voyage of Simbad - 1958
Simbad e a Princesa
Dir.: Nathan Juran
Journey to the Center of Earth - 1959
Viagem ao Centro da Terra
Dir.: Henry Levin
North by Northwest - 1959
Intriga Internacional
Dir.: Alfred Hitchcock
Blue Denim - 1959
O Que os Pais Desconhecem
Dir: Philip Dunne
Psycho - 1960
Psicose
Dir.: Alfred Hitchcock
The Three Worlds of Gulliver - 1960
Os Três Mundos de Gulliver
Dir.: Jack Sher
The Mysterious Island - 1961
A Ilha Misteriosa
Dir.: Cy Endfield
Tender is the Night - 1961
Suave é a Noite
Dir.: Henry King
Cape Fear - 1962
Círculo do Medo
Dir.: J. Lee Thompson
The Birds - 1963
Os Pássaros (efeitos sonoros)
Dir.: Alfred Hitchcock
Jason and the Argonauts - 1963
Jasão e o Velo de Ouro
Dir: Don Chaffey
Marnie - 1964
Marnie, Confissões de uma Ladra
Dir Alfred Hitchcock
Joy in the Morning - 1965
O Amor Faz Milagres
Dir. Alex Segal
Fahrenheit 451 - 1966
Fahrenheit 451
Dir.: Françoise Truffaut
La Mariée Etait en Noir - 1967
A Noiva Estava de Preto
Dir. Françoise Truffaut
Twisted Nerve - 1968
A Morte Tem Cara de Anjo
Dir. Roy Boultin
Obsessions - 1969
Obsessions
Dir.: Pim de la Parra
The Batle of Neretva - 1970
A Batalha de Neretva
Dir.: Veljko Bulajic
Endless Night - 1971
Noite Interminável
Dir.: Sidney Gilliat
The Night Digger - 1971
Paixão e Crime
Dir.: Alastair Reid
Sisters - 1973
Irmãs Diabólicas
Dir.: Brian De Palma
It's Alive - 1974
Nasce um Monstro
Dir: Larry Cohen
Obsession - 1976
Trágica Obsessão
Dir Brian De Palma
Taxi Driver - 1976
Motorista de Taxi
Dir.: Martin Scorsese

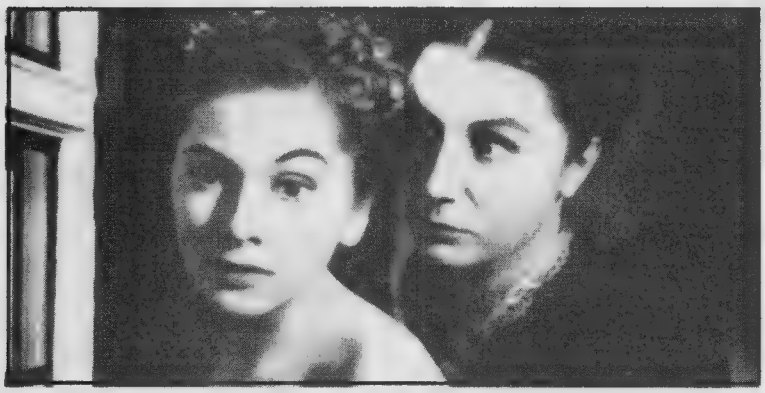
TRILHAS SONORAS

Elsa Lanchester e Boris Karlof em "A Noiva de Frankenstein.

Enriquecendo nosso desprezado mercado de trilhas sonoras (parece que só se lembram dele em décadas), encontra-se disponível um pacote de CDs importados, que certamente serão um banquete para o fã da musica de cinema. São dez CDs com gravações de 1974 (lançadas no formato ADD), feitas pela RCA e editadas como coletâneas da obra de diversos compositores, cobrindo clássicos do cinema americano dos anos 30 aos 50. As trilhas, infelizmente, não estão gravadas na íntegra, mas são uma obrigação para a estante de qualquer fã. Há três coletâneas dedicadas a filmes de Bette Davis, Humphrey Bogart e Errol Flynn, e as demais cobrem alguns trabalhos de Max Steiner, David Raksin, John Williams (a única excessão quanto a data), Erich Korngold, Franz Waxman, Bernard Herrmann e Miklóz Rósza. Dessa turma de peso destacamos os três últimos nomes, de maior interesse para os fãs de horror e suspense.

No CD dedicado ao compositor alemão Franz Waxman, entre a belíssima "A Place in the Sun" e a trágica "Sunset Boulevard", o destaque é *The Criation of the Female Monster* do filme "The Bride of Frankenstein" de 1935, a primeira suite desenvolvida para um filme de horror. O CD traz ainda a trilha de "Rebecca", o primeiro filme americano de Alfred Hitchcock, com uma sonoridade delicada, passeando entre climas românticos e de suspense. O disco de Bernard Herrmann abre explosivamente com *The Death Hunt* do filme "On Dangerous Ground", policial de 1951 dirigido por Nicholas Ray. Ouvindo-a, é fácil notar, em qual escola John Williams andou colando. A grande faixa do disco é a trilha do filme "Hangover Square", de 1945, cujo clima já é definido pelo próprio título: *Concerto Macabre for piano and orchestra*. Composta por um enlouquecido pianista (no filme, claro), que põe fogo na sala de concerto, no dia de estréia de sua peça. Os músicos abandonam a sala e o pianista termina o concerto solando massacrantes acordes de piano, que devem ter contribuido para que a casa viesse abaixo. O CD traz ainda trechos de

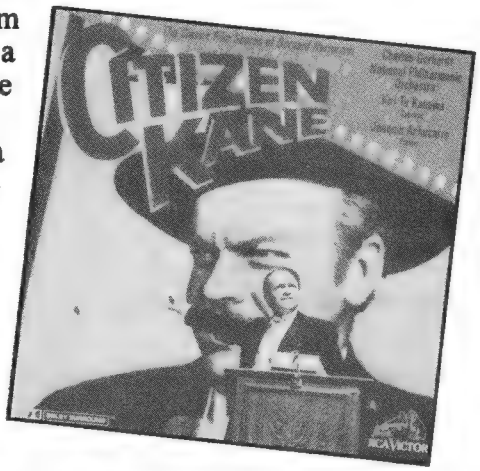
Cena de "The Thief of Bagdah".

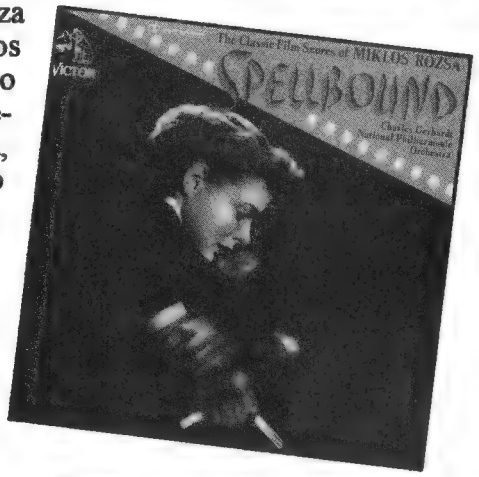


Joan Fontaine e Judith Anderson em "Rebecca".

"Citizen Kane", onde os tétricos *Prelúdio* e *Finale*, alcançam assombrosas profundezas. Vale ser citada, também, a bizarra instrumentação (e sonoridade) da faixa *Tarantula*, do filme "White Witch Doctor", de 1953.

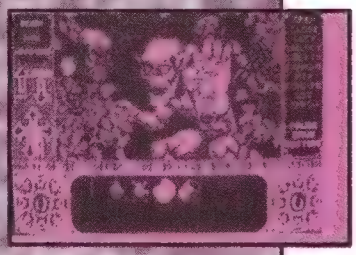
Já o húngaro Miklós Rósza, mais lembrado por seus *scores* para filmes épicos como "Ben-Hur" ou "O Rei dos Reis", foi um compositor que, como Herrmann, brilhou em vários temas e atmosferas. No seu CD, são irresistíveis os dois temas românticos de "Spellbound" e a colorida e etérea trilha de "The Thief of Bagdad". Suas orquestrações grandiosas e épicas podem ser ouvidas nas faixas "Ivanhoe" e "Knights of the Round Table". Mas o melhor são os climas de suspense construídos para "The Red House", e, principalmente, para as duas sequências de pesadelo dos filmes "The Lost Weekend", de Billy Wilder, e "Spellbound" de Alfred Hitchcock. Com o som único do *theremin* e o uso de cordas, Rósza conseguiu criar uma excepcional atmosfera para acentuar os delírios alcoólicos de Ray Milland, no primeiro filme, e os transes de Gregory Peck, no segundo. Não perca, outra chance como essa talvez só daqui a ...décadas!





Acima Orson Welles em "Citizen Kane". Abaixo, Ray Milland em "Lost Weekend".

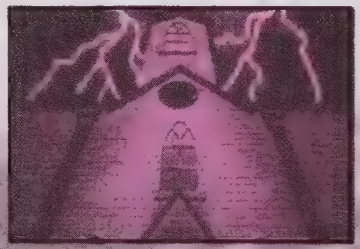
O HORROR INVADE OS CHIPS !



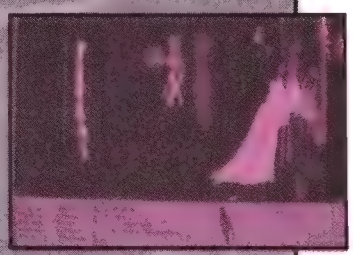
Depois dos coloridos e dinânicos games de ação, parece que a nova sensação dos entusiastas dos jogos para computador, é se aventurar nos sombrios corredores do universo do horror. É o que parece, pelos lançamentos vistos recentemente no mercado como, "Elvira", "The Legacy", "Return of the Phantom" e o badalado "The 7th Guest".

Basicamente os games colocam você, jogador, diante de vários cômodos de um casarão, ou castelo, que deverão ser percorridos para a solução de algum mistério. Muitas horas de arrepiante diversão o aguardam, em desafios irresistíveis.

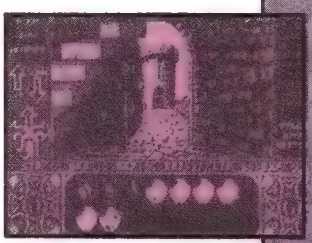
No game "Elvira", seu objetivo é ajudar a avantajada heroína a encontrar um pergaminho mágico, escondido em um castelo medieval, impedindo que a malígna rainha Emelda e seus monstruosos ajudantes, dominem o mundo. Monstros, bruxos e armadilhas são alguns dos obstáculos que aguardam o jogador.



Em "The Legacy - Realm of Terror", você pode entrar no jogo, assumindo o personagem que quiser (um estudioso de ocultismo, um místico ou um simples leigo), para explorar as passagens e aposentos de uma misteriosa mansão. Logo no início da partida, a porta de entrada (numa situação clássica) se fecha sozinha, trancando o jogador. Nada lhe resta, a não ser enfrentar portas e corredores que dão acesso à vários cômodos assombrados por inúmeras criaturas sobrenaturais.

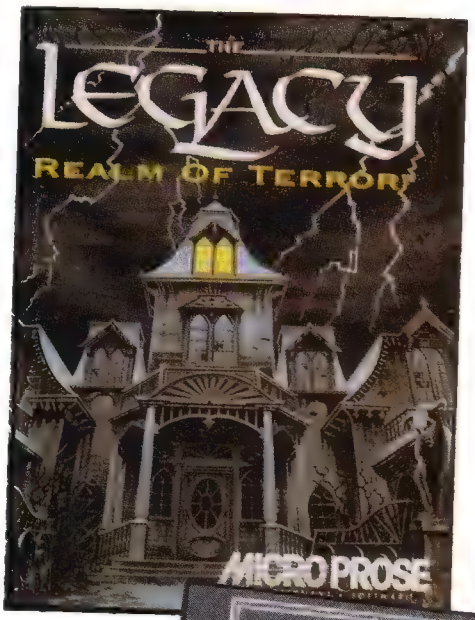


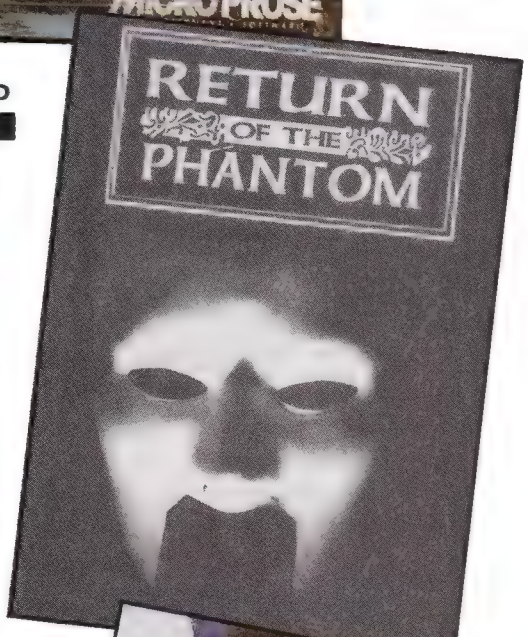
O game "Return of the Phantom" foi baseado no famoso "Fantasma da Ópera", onde o jogador terá que percorrer salões, labirintos e até os subterrâneos do teatro, para encontrar a cantora Christine, raptada pelo fantasma. Na primeira fase, você terá que interrogar funcionários e procurar



pistas nos camarins, para depois poder explorar o teatro, na busca por sua querida Christine. Para piorar, o astuto fantasma conhece todos os caminhos e passagens secretas e estará, o tempo todo, preparando armadilhas e pistas falsas, para dificultar sua missão.

E finalmente, no premiado "The 7th Guest", o jogador tem como objetivo fugir da mansão do falecido milionário Stauff. Há muitos anos, Stauff, um bem sucedido fabricante de brinquedos, havia oferecido um jantar para seis pobres convidados em sua mansão, cheia de jogos e quebra-cabeças. Nenhum dos convidados, nem mesmo o milionário, sairam vivos do jantar e hoje eles assombram o local, sob a forma de terríveis fantasmas. E você, jogador, será o sétimo convidado do título e terá que solucionar vários enigmas, preparados pelo maligno Stauff, para poder sair vivo da mansão.





ELVIRA
Micro: IBM PC-XT ou superior.
Memória: 640 Kbites RAM.
Monitor: EGA, VGA.
Recomendado: Mouse, placa de som.
Distribuidor: Tec Toy - Tel.: (011) 831-2266.

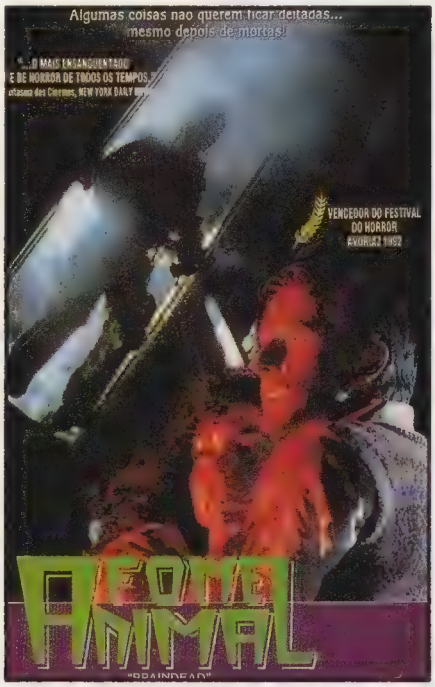
THE LEGACY - REALM OF TERROR
Disponível em disquete e CD-ROM.
Micro: IBM PC-386/486.
Memória: 2MB RAM.
Monitor: VGA Color.
Recomendado: Mouse, placa de som.
Distribuidor: BraSoft Games - Tel.: (011) 725-3711.

RETURN OF THE PHANTOM
Disponível em disquete e CD-ROM.
Micro: IBM PC-AT 286.
Memória: 2MB RAM.
Monitor: VGA/MCGA.
Recomendado: Mouse, placa de som.
Distribuidor: BraSoft Games.

THE 7TH GUEST
Micro: IBM PC-386 ou superior.
Memória: 2MB RAM.
Monitor: SVGA Colorido.
Requerido: CD-ROM Double Speed, mouse, placa de som, DOS 5.0 ou maior.
Recomendado: 486 SX com 4MB RAM.
Distribuidor: BraSoft Games.

VIDEO

NOVIDADES



Fome Animal

(Braindead, 92, NZE)

Direção: Peter Jackson. Com: Timothy Balme, Diana Peñalver, Elizabeth Moody. Durante um passeio, num zoológico, rapaz é vigiado por sua mãe que, depois de mordida (e contaminada) por uma espécie rara de animal, transforma-se em uma zumbi e espalha a doença por toda a cidade. Com boa produção e efeitos descaradamente nojentos, o diretor Jackson tentou extrapolar tudo o que já foi visto em *splatter* e *terrir*. O resultado é uma grotesca *overdose* de sangue, entranhas e piadas, com momentos ótimos e outros de humor forçado, e uma incontável quantidade de referências ao cinema de horror (de "Psicose" a "Hellraiser"). Os modelos mais evidentes são, o estilo frenético e nervoso de Sam Raimi e os três filmes da série "mortos-vivos" de George Romero. Fãs do gênero não podem perder. Proteja o tapete e boa diversão. 90 min. Alpha Filmes.

☠☠☠☠

O Terror Veio do Espaço

(Day of Triffids, 63, ING)

Dir: Steve Sekely. Com: Howard Keel, Nicole Maurey, Kieron Moore. Uma chuva de meteoros causa a cegueira da maioria dos habitantes da Terra e transforma uma determinada espécie de vegetais em plantas carnívoras, com capacidade de locomoção. Os poucos que escaparam de ficar cegos tentam se

salvar das plantas que crescem de forma assustadora. Divertida produção com elementos de horror e ficção-científica e ainda com situações precursoras dos *Disaster Movies*. Mantém o interesse com uma grande diversidade de situações bem conduzidas pelo diretor. Evidentemente, os efeitos são limitados, mas o clima de ingenuidade é irresistível, com os gritos da mulherada se confundindo com os arranjos da trilha sonora e algumas pitadas de morbidez tipicamente britânicas. Perfeito para um Domingo à tarde. 93 min. VTI. ☠☠☠

Trauma

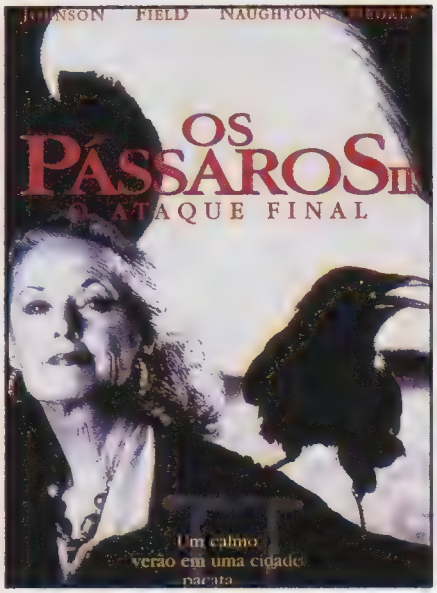
(Trauma, 92, ITA/EUA)

Dir: Dario Argento. Com: Asia Argento, Christopher Rydell, Piper Laurie, Frederic Forrest. Depois de ter seus pais assassinados, garota persegue o criminoso que sempre deixa suas vítimas decapitadas. *Thriller* do especialista Argento, contando novamente com os elementos clássicos do seu cinema: uma garota desamparada, muita chuva (com excelente fotografia) e crimes violentíssimos que causaram problemas na distribuição americana. Infelizmente, algumas dessas cenas estão visivelmente reduzidas nesta cópia, mas Argento tem um estilo tão original e esquisitão que seus filmes sempre merecem uma conferida. A protagonista Asia é filha do diretor e os efeitos de maquiagem (arrepiantes) são do mestre Tom Savini. Música de Pino Donnagio. 107 min. Video Arte.

☠☠☠

Os Pássaros 2

(The Birds 2, Land's End, EUA, 93) *Dir: Alan Smithee. Com: Brad Johnson, Chelsea Field, James Naugthon, Tippi Hedren.* Um professor de biologia, com sua esposa e duas filhas, vai passar uma temporada de verão, numa cidadezinha litorânea (a Land's End do

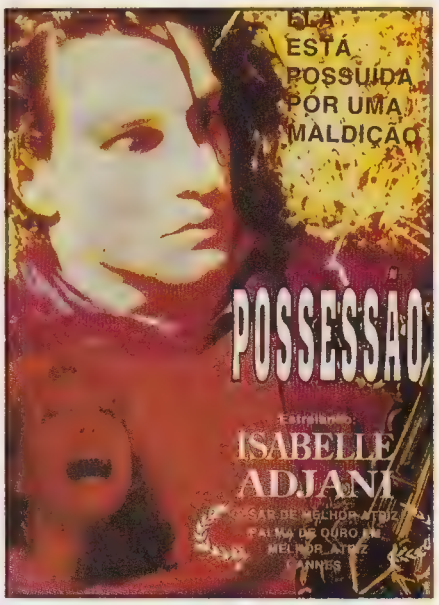


título original), que sofrerá ataques cada vez piores de pássaros de diversas regiões. Difícil não compará-lo (desfavoravelmente) a "Os Pássaros" (The Birds, 63), principalmente com as constantes referências a esse clássico de Hitchcock. Mas o resultado é bem melhor do que se poderia esperar. Tem um roteiro acima da média, muito bem desenvolvido e conta com ótimos efeitos. No elenco, participação especial de Tippi Hedren, a heroína do filme original. 86 min. CIC Video. ☠☠☠

Possessão

(Possession, FRA, 81)

Direção: Andrzej Zulawsky. Com: Isabelle Adjani, Sam Neill. Um dos mais enigmáticos filmes já feitos. Sam Neill (de "Jurassic Park") e Isabelle Adjani (premiada por sua intensa atuação) são um casal que se separa logo no início do filme. Ela passa a viver isolada, em um prédio abandonado e acompanha o desenvolvimento da estranha criatura que a domina. E o filme se desenvolve em sequências desconcertantes, violentas e frequentemente repelentes, com interpretações esquisitíssimas, caricaturais, num resultado alucinado e imprevisível. Poucas vezes se viu, no cinema, uma criatura tão nauseante como a criada por Carlo Rambaldi. A cena de sexo fez muita gente passar mal nos cinemas daqui. Infelizmente a fotografia azulada e propositalmente descolorida, perde muito com a má copiagem. Mas é uma obra ousada e instigante, que merece atenção e que vai agradar os fãs de esquisitices e charadas cinematográficas. AV Hits Video. ☠☠☠



Mansão da Morte

(Bay of Blood, ITA, 72)

Dir: Mario Bava. Com: Claudine Auger, Luigi Pistilli, Brigitte Skay. Depois da morte de uma velha condessa, os interessados em sua propriedade se vêem ameaçados por um misterioso assassino. *Thriller* do lendário diretor Bava, que teve forte influência nos posteriores *slasher movies* americanos ("Sexta-Feira 13" e cópias). Muita violência e mortes, e a ambientação única das produções italianas. Datado, mas ainda divertido. Uma boa oportunidade para se conhecer o trabalho de um dos mestres do cinema de horror italiano. É o único filme (de terror) de Bava disponível em nosso mercado. Lançado anteriormente como "Banho de Sangue", pela mesma distribuidora.83 min. Century Video. ☠☠☠

Bonecos em Guerra

(Puppet Master 4, EUA, 93)

Dir: Jeff Burr. Com: Gordon Currie, Chandra West, Jason Adams, Teresa Hill, Guy Rolf. Jovem técnico em eletrônica descobre, com um grupo de amigos, um velho bau onde estão guardados o equipamento e os bonecos de André Toulon. Mas o malígno guardião do segredo não quer que a fórmula caia em mãos humanas. Quarta parte da série iniciada com "Bonecos da Morte" (89). Fraquinho em roteiro e com direção preguiçosa do especialista em sequências Jeff Burr (A Volta do Padrasto, Massacre da Serra Elétrica 3), mas a simpatia dos efeitos e dos bonecos (agora lutando contra bonecos "do mal") garantem alguma diversão. 79 min. CIC Video. ☠☠

COTAÇÃO

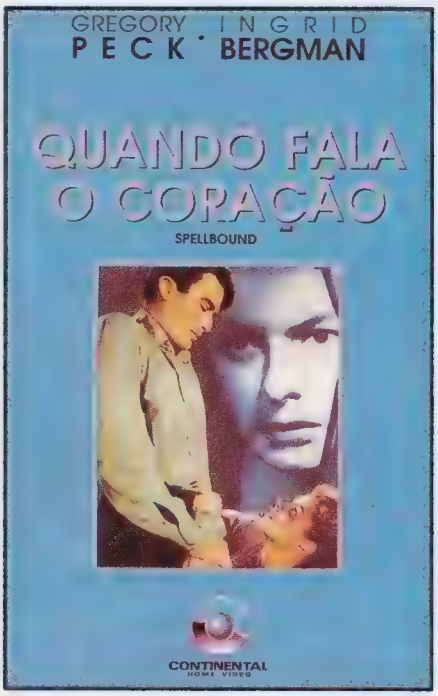
☠ FRACO
☠☠ REGULAR
☠☠☠ BOM
☠☠☠☠ MUITO BOM
☠☠☠☠☠ EXCELENTE

VIDEO
CLÁSSICOS

A Noite dos Mortos-Vivos
(Night of the Living Dead, EUA, 68) *Direção: George Romero. Com: Duanne Jones, Judith O'Dea, Karl Hardman, Marylin Eastman.* Grupo de pessoas se refugia numa casa, para se proteger do ataque de zumbis, que aparecem na região em número cada vez maior. Um dos maiores clássicos do horror, finalmente em video. Realizado com orçamento baixíssimo, recursos mínimos e um apaixonado talento

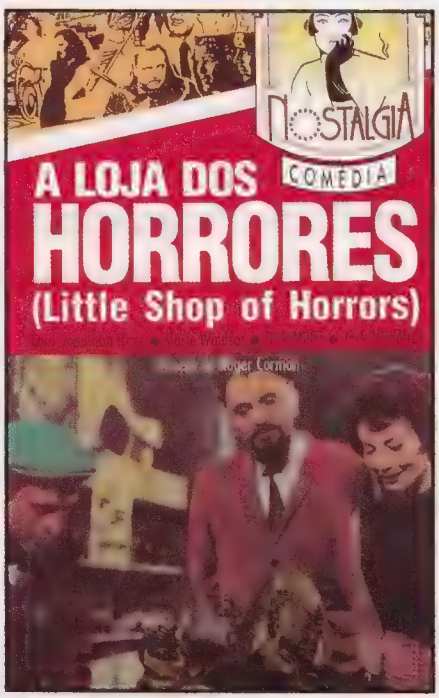
cinematográfico. Foi um dos filmes responsáveis pelo nascimento do termo "cult", devido à suas famosas exibições à meia-noite e um dos grandes marcos dos anos 60. Sua concepção visual ainda hoje impressiona, com ritmo e montagem conduzidos eficientemente por Romero, em seu trabalho de estréia. Na época ficou proibido pela nossa censura. Presença obrigatória na estante de qualquer fã.(P&B). 95 min. VTI. ☠☠☠☠☠

Quando Fala o Coração
(Spellbound, EUA, 45) *Direção: Alfred Hitchcock. Com: Ingrid Bergman, Gregory Peck, Leo G. Carrol.* Uma psiquiatra apaixona-se por um de seus pacientes, recém chegado à clínica, e tenta descobrir os motivos que o levaram a perda de



identidade. Mas suas investigações revelam que ele está envolvido em um assassinato. Esqueça o meloso título nacional, este é um dos melhores filmes de Hitchcock, muito envolvente e com a forte presença de Ingrid Bergman, que praticamente carrega o filme nas costas. Entre os muitos momentos marcantes, merecem destaque as célebres cenas de sonho (desenhadas por Salvador Dali); uma violenta cena vista em um flash-back; e a sequência final, com Ingrid sob a mira de um revólver. A inesquecível trilha sonora de Miklós Rosza foi premiada com o Oscar. (P&B). 110 min. Continental. ☠☠☠☠

A Loja dos Horrores
(The Litle Shop of Horrors, EUA, 60) *Direção: Roger Corman. Com: Jonathan Haze, Jackie Joseph, Mel Welles, Dick Miller.* Jovem funcionário de uma floricultura, o desastrado Seymour (Haze), cria uma misteriosa planta e descobre que, ela se alimenta de sangue humano. A planta cresce e torna-se uma "celebridade" e uma ameaça, aos frequentadores da loja. Comédia clássica, famosa por ter sido rodada em dois dias e pela participação de Jack Nicholson. Notável, também, é a quantidade de personagens malucos que povoam o filme: o dono da floricultura (Welles), que odeia flores; o masoquista (Nicholson); a mãe do herói, viciada em xarope (com 98% de teor alcoólico); e a inevitável ponta de Dick Miller (o Rei da Ponta), como Foch e seu estranho hábito de comer flores! Apesar da visível falta de recursos e do clima de improvisação geral, o resultado é simpático e muito divertido. (P&B). 70 min. VTI. ☠☠☠



Taxi Driver

(Taxi Driver, EUA, 76)

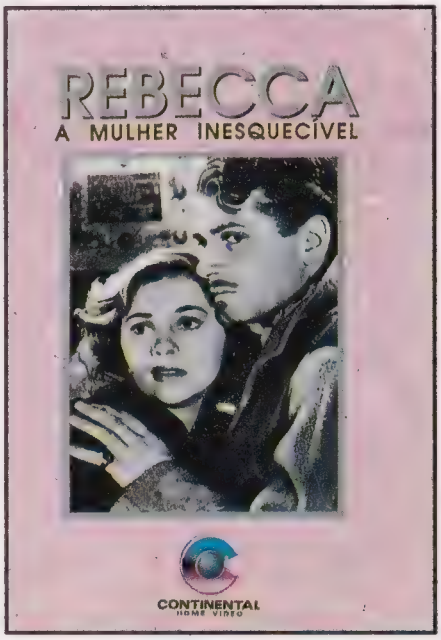
Direção: Martin Scorsese. Com: Robert De Niro, Jodie Foster, Harvey Keitel, Cibyl Shepard, Peter Boyle, Albert Brooks. Em Nova York, Travis Bickle (De Niro) é um motorista de taxi que perde, progressivamente, seu equilíbrio mental durante as rondas noturnas pelo submundo da cidade. "Taxi Driver" certamente não é um filme de horror, mas o personagem Travis (uma criação genial de De Niro, repleta de olhares e sutilezas) é um dos tipos antológicos da galeria de maníacos do cinema. O roteiro de Paul Schareder é perfeito na construção de situações que levam Travis a violência, seu último recurso para "corrigir" o caos social à sua volta, representado pelos marginais e desequilibrados que o rodeiam. O sangrento final foi orquestrado pelo maquiador Dick Smith (de "O Exorcista").Scorsese faz uma ponta como o passageiro que pretende matar a esposa. Música de Bernard Herrmann. 90 min. Tocantins.

☠☠☠☠

Rebecca, a Mulher Inesquecível

(Rebecca, EUA, 40)

Direção: Alfred Hitchcock. Com: Joan Fontaine, Laurence Olivier, Judith Anderson, Nigel Bruce, George Sanders. O riquíssimo viúvo Maxim (Olivier), casa-se com uma inocente jovem (Fontaine) e a leva para seu casarão, onde ela terá que conviver com a rejeição da go-



vernanta (Anderson) e a constante lembrança (presença?) de Rebecca, a ex-esposa de Maxim, morta em misteriosas circunstâncias. Primeiro filme americano de Hitchcock, produzido pelo "poderoso chefão" David Selznick, que queria um grandioso melodrama. Felizmente, Hitchcock escapou dessa armadilha e produziu um romance assombrado, de dimensões literárias. Um pouco longo (as investigações finais prejudicam o ritmo do filme), mas tem revelações suficientes para manter o interesse, e uma incrível "atuação" do casarão vitoriano, com um perfeito jogo fantasmagórico de luzes e sombras. Baseado em livro da escritora Daphne Du Maurier (Os Pássaros, Inverno de Sangue em Veneza). Lamenta-se, somente, as legendas de difícil leitura.(P&B). 132 min. Continental. ☠☠☠

As Diabólicas

(Les Diaboliques, FRA, 55)

Direção: Henry-Georges Clouzot. Com: Simone Signoret, Vera Clouzot, Paul Meurisse. Numa escola para garotos, uma jovem professora (Vera, esposa do diretor Clouzot) participa de um plano, para assassinar seu marido, o tirânico e violento diretor da escola (Meurisse). Célebre *thriller*

feito pelo mesmo diretor de "O Salário do Medo" (53). Foi tão refilmado e copiado que se tornou previsível, mas tem uma excelente atmosfera composta com imagens e sequências ainda marcantes (o cadáver na banheira é inesquecível). O maior problema são as terríveis legendas (com tarja preta) que para encobrir a legendagem em inglês, às vezes ocupam a metade da tela. Mesmo assim, fãs do gênero devem conhecê-lo. (P & B). 112 min. VTI

☠☠☠☠☠

DISTRIBUIDORAS

Alpha Filmes - Rua Mauá, 836. São Paulo-SP. F.:(011) 230-0200. **AV Hits Video** - Av. Pasteur, 281. Varginha-MG. F.:(035) 221-4882.**Tocantins** - Rua Clarício Alves Ribeiro, 129. Cariacica-ES. F.:(027) 336-7112. **CIC Video** - Rua Paes Leme, 524. São Paulo-SP. F.: (011) 816-0852.**VTI** - Al. Santos, 705. São Paulo-SP. F.: (011) 283-3438. **Century** - Av. Faria Lima, 1857. São Paulo-SP. F.: (011) 212-6533. **Continental** - Av. Brigadeiro Luís Antônio, 1404. São Paulo-SP. F.: (011) 284-9479.

VIDEO

RARIDADES

Terror nas Trevas
(The Beyond, ITA, 81)
Direção: Lucio Fulci. Com: David Warbeck, Catherine MacColl, Sarah Keller. Garota reabre hotel abandonado, libertando as forças malignas de seu interior. Os acontecimentos a levarão a descobrir a terrível verdade sobre o local. O melhor momento de Fulci, depois de "Zumbi" (80), com seu habitual estilo pesadão e violento. Fotografia carregada (com prólogo em sépia) e efeitos repelentes, numa interminável dose de atrocidades: dilacerações, olhos arrancados, zumbis, cabeças baleadas, vítimas calcinadas, pregadas e derretidas com ácido. Um banquete. Fulci é um dos mais queridos diretores do horror italiano, justamente pelos seus excessos. Um dos bons filmes da safra *splatter* italiana. 90 min. Dado Group. ☠☠☠☠

Hollywood Chainsaw Hookers (EUA, 89)
Direção: Fred Olen Ray. Com: Linnea Quigley, Gunnar Hansen, Jay Richardson. Detetive à procura de uma garota desaparecida, descobre um grupo de fanáticas adoradoras de moto-serras . Foi lançado em video como "O Massacre da Serra Elétrica 3", mas a única relação com o clássico de Tobe Hooper é a presença de Gunnar Hansen, o "leatherface", como o líder do bando. Mezzo terror, mezzo pornô e muita cara-de-pau. Produção fuleira e amadora que compensa a pobreza geral, com humor e clima de farsa. Pelo menos a mulherada tira a roupa com frequência. Linnea Quigley foi aquela zumbi-punk que, vivia peladinha em "A Volta dos Mortos-Vivos". Aqui ela executa uma "dança sexy" com duas serras (!) e acabou lançando um video de ginástica, "The Linnea Quigley Horror Workout". Não pode faltar na querida lista dos piores de todos os tempos. 85 min. A.B. Video. ☠☠

Zumbi 3
(Let the Sleeping Corpses Lie, ITA/ESP, 74).
Direção:Jorge Grau. Com: Ray Lovelock, Christine Galbo, Arthur Kennedy. Reanimados por radiação, mortos levantam de seus túmulos e atacam hospital. Dos muitos filmes consequentes de "Night of the Living Dead" (68), este é um dos melhores. Ambientado no norte da Inglaterra e dirigido pelo espanhol Grau, o filme tem momentos sangrentos (com efeitos do mestre Gianetto de Rossi, futuro colaborador de Lucio Fulci) e pano de fundo ecológico. Apesar de algumas cenas cortadas, consegue manter sua força e ritmo. O título em português sugere uma ligação (inexistente) com "Zumbi" de Fulci e com "Dawn of Dead" de George Romero, lançado aqui como "Zumbi, o Despertar dos Mortos". Foi premiado no Festival de Cinema Fantástico de Sitges. 95 min. Poderosa Filmes. ☠☠☠

Prelúdio para Matar

(Profondo Rosso, ITA, 75)

Direção: Dario Argento. Com: David Hemmings, Clara Calamai, Daria Nicolodi. Pianista americano (Hemmings) presencia o assassinato de uma paranormal e passa a investigar o crime, por conta própria. Marco na carreira de Argento e grande sucesso na Europa. Um filme "de autor", com montagem e enquadramentos propositalmente estranhos. Uma estilização de linguagem onde as situações e atitudes lógicas chegam a ser secundárias, diante da manipulação de elementos puramente cinematográficos. Infelizmente todo esse trabalho se perde, em parte, no video, e o filme merecia uma copiagem mais atenciosa (ou um relançamento). Para piorar, esta versão não escapou da tesoura de algum censor e a célebre cena da decapitação, no final, está incompleta. É o tipo de mutilação que os fãs do gênero odeiam. De qualquer forma, merece atenção por ser um dos poucos filmes de Argento disponíveis no nosso mercado. Destaque para a primeira trilha sonora do grupo "progressivo" Goblin, que trabalharia com o diretor em outros filmes. 75 min. Poletel. ☠☠☠☠

As Filhas de Drácula

(Twins of Evil, ING, 71)

Direção: John Hough. Com: Peter Cushing, Mary Collinson, Madeleine Collinson, David Warbeck. Duas irmãs (as gêmeas e ex-*playmates* Collinson), depois de ficarem órfãs, vão morar com o tio, um temido caçador de bruxas. Uma delas se sentirá atraída pelo Conde Karnstein, um vampiro que pratica sinistros rituais em seu castelo. Caprichada produção da Hammer, ambientada no século XVI, com boa fotografia e excelente acabamento visual. Destaque para um ótimo Cushing como o implacável caçador e um generoso figurino com decotes panorâmicos. O diretor Hough faria, mais tarde, o famoso "A Casa da Noite Eterna" e "Incubus". Zircon Filmes. ☠☠☠

Aniversário Macabro

(Last House on the Left, EUA, 72)

Dir: Wes Craven. Com: David Hess, Lucy Grantham, Sandra Cassel. Duas garotas vão assistir a show de rock e no caminho são atacadas por uma quadrilha de fugitivos. A vingança será dos pais de uma delas. Primeiro filme de Craven, em plena ressaca dos anos 60, já usando moto-serra antes mesmo de Tobe Hooper. Violento e de assumido mau gosto (chegou-se a distribuir sacos de vômito nas bilheterias), com um desconcertante desprezo pelas personagens centais, que são eliminadas na primeira metade da fita (ecos de "Psicose"?). Foi tantas vezes cortado e restaurado que fica difícil saber o que é deficiencia de montagem e o que é cena censurada. Mas é um *trash* perfeito, *underground*, classe Z, ousado e abusado como só os baixo orçamentos e diretores em início de carreira, são capazes de produzir. Infelizmente, Craven trocou toda essa rebeldia por orçamentos maiores e filmes mais chatos. 84 min. Argofilmes. ☠☠

Banquete de Sangue

(Blood Feast, EUA, 63)

Direção: Herschel Gordon Lewis. Com: Thomas Wood, Mal Arnold, Connie Mason. Garotas são mortas e mutiladas por Fuad Ramses, um antiquário que oferece os sacrifícios a uma deusa egipcia. Enquanto a polícia tenta solucionar os crimes, uma senhora contrata o antiquário, para decorar a festa de aniversário de sua filha. Paupérrimo em roteiro, elenco e produção, mas o filme entrou para a História como o primeiro a mostrar sangue e mutilações descaradamente, e em cores! Os filmes do diretor Lewis, originalmente distribuidos em drive-ins de cidades do interior, são considerados precursores do cinema *splatter*. Hoje valem mais como curiosidade e referência. Para trashmaníacos e iniciados. 66 min. Sunrise Video. ☠

PSICOSE

A maior molecagem do sofisticado sádico.

Dos filmes que alimentaram a mitologia cinematográfica moderna e serviram para compor sua galeria de imagens, "**Psicose**" é um dos mais importantes. É, sem dúvida, o mais famoso filme da carreira de seu diretor. Muito (talvez tudo) já foi escrito e interpretado sobre esse clássico. A história é conhecidíssima, mas sua estrutura é tão original que, é sempre refrescante e saudável (em termos cinematográficos), revê-la.

Depois de roubar uma considerável quantia em dinheiro deixada sob seus cuidados, Marion Crane (Leigh) foge de carro, assustada, culpada, e sem direção definida. Uma pesada chuva a surpreende, na estrada. Os faróis dos carros, vindos da escuridão a observam e iluminam e ela é obrigada a parar, para um ligeiro descanso. Hospeda-se no "Bates Motel" onde conhece Norman (um personagem que marcou para sempre a carreira de Perkins), um jovem retraído que vive cercado por sua coleção de aves empalhadas. Na conversa com Norman, Marion reconhece seu erro e decide voltar, para devolver o dinheiro. Sua atitude seguinte é, naturalmente, tomar um banho. Um banho redentor. A preparação para um possível castigo que, acaba chegando bem antes do que ela espera.

Anthony Perkins

A cena do banho é, simplesmente, a mais célebre, adorada, copiada, estudada e "homenageada" sequência da história do cinema, fruto da genialidade do diretor, do montador George Tomasini e do não menos genial Saul Bass. Em nenhum momento se vê violência gráfica e explícita (como estamos hoje habituados), mas o efeito sensorial desse bombardeio de imagens e sons é indescritível. Dizia o mestre que o suspense é a arte de dirigir o público. Ele deve ter se divertido muito em desnortear a platéia, depois de quebrar genialmente a estrutura convencional de um roteiro. Uma brincadeira riquíssima, infelizmente pouco explorada pelo cinema. Hitchcock deve ter sido um daqueles moleques que preparava uma bela sacanagem e se deliciava, muito comportadamente, observando as consequências e reações ao seu ato. Em "Psicose"

ele foi além nesse prazer, preparando armadilhas (então pouco comuns) e nos fazendo cúmplices do seu sadismo. Queremos descobrir todo o mistério, não importando, quantos personagens isso irá custar. Queremos que o detetive Arbogast (Balsam) entre na misteriosa casa e vasculhe tudo. Que vá até o fim! Nos colocamos, prazerosamente, nas mãos do mestre e seu divertido jogo de reviravoltas e aparências. Todo esse requinte fez com que uma crítica comentasse que "Psicose é o trabalho de um sofisticado sádico"!

Baseado em novela de Robert Bloch, a produção do filme foi barrada pelos chefões da Paramount que consideravam o livro, nada mais do que, literatura barata. Além disso achavam que *Psicose* era um título muito esquisito e que dificilmente iria atrair o interesse do público. Hitchcock, então, resolveu produzir o filme por conta própria, utilizando a equipe de TV que trabalhava com ele na série "Alfred Hitchcock Presents" e elenco pouco conhecido, sem estrelas.

Com pouquíssimos diálogos, a história se desenvolve quase que totalmente em imagens que carregam muita informação sobre os personagens. A coleção de pássaros empalhados é um espelho de suas vidas medíocres. Marion e Frank (Gavin) estão constatemente imobilizados pela sua situação econômica que, precipita os acontecimentos de todo o filme. Norman, por sua vez, é um personagem patético, sem a menor chance de mudança e cura, eternamente "estofado" pela presença de sua mãe.

É impossível deixar de citar a música de Bernard Herrmann (composta exclusivamente para cordas, "um trabalho em preto-e-branco", em sua própria definição), um dos elementos mais famosos do filme, e que sublinha as facadas na cena do banho, a morte do detetive (outro momento antológico), e as cenas finais, no porão, quando Lila Crane (Miles) se assusta e esbarra na luminária que balança e projeta sombras em movimento por todo o ambiente, num efeito fantástico, copiado exaustivamente, até hoje, em todo o tipo de filme.

No alto, Janet Leigh. Acima a Sra. Bates.

"Psicose" já faz parte do nosso álbum de recordações cinematográficas. A cena do chuveiro (por mais violenta e incômoda que seja) nos é tão querida quanto o final de "Casablanca"; a imagem de King Kong no alto do Empire State; Paul Newman andando de bicicleta em "Butch Cassidy"; ou Cary Grant fugindo dos ataques de um avião em "Intriga Internacional", outro clássico momento absurdo de Hitchcock, onde a lógica é desprezada, em troca da mais simples e infantil vontade de se divertir. Molecagem pura. Só que alguns moleques são mais sádicos que outros!

Psicose (Psycho, EUA, 60).
Direção e produção: Alfred Hitchcock. *Roteiro*: Joseph Stephano, baseado em novela de Robert Bloch. *Fotografia*: John L. Russel. *Montagem*: George Tomasini. *Música*: Bernard Herrmann. *Com*: Janeth Leigh, Anthony Perkins, Vera Miles, Martin Balsam, John Gavin.
Lançamento CIC Video (em *sell-through*), junho de 95.

Na próxima edição, a segunda parte da cronologia "Horror em Obras" segue pelas décadas de 70 , 80 e o comecinho dos 90. Splatter Movies: o terror que espirra, um passeio pelo estilo mais sangrento e violento já produzido pelo cinema. Elvira, uma matéria sobre a mais escandalosamente gostosa heroína do cinema B. E ainda: uma história em quadrinhos totalmente inédita, videos, novos e raros, e na sessão "Clássicos", o filme "Na Solidão da Noite". Aguarde.

PSICO VIDEO

é uma publicação da Nova Sampa Diretriz Editora Ltda.
Administração, Av. Senador Casemiro da Rocha, 464. CEP 04047-000 - Mirandópolis - São Paulo - SP.
Fone/Fax: (011) 579-7197.
Correspondência: Rua Das Hortências, 107. Mirandópolis. CEP 04151- 000. São Paulo-SP.
Diretor: Carlos Alberto Cazzamatta.
Editor: Franco De Rosa.
Redação e Edição de Arte: Guilherme De Martino.
DTP: Argento Estúdio
Fotolito: Spalmar Artes Gráficas Ltda.

AGUARDE!

GUIA ESPECIAL CINEMIX

TERROR

400 FILMES

COM COMENTÁRIOS
E COTAÇÕES

Clássicos, Splatter, Serial-Killers, Trash Movies

RESISTA
SE PUDER

A MELHOR REVISTA QUE A SUA MESADA PODE COMPRAR!!!

SERIADOS DE TV

QUADRINHOS

SUPER-HERÓIS

SUPER-VILÕES

TUDO SOBRE CAVALEIROS DO ZODÍACO

NAS BANCAS!!!

EDITORA ACME